



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA
ALVARES TEOFANES**

**ABAYOMI EM NÓS POR LINHAS
SIMBÓLICAS ELIASIANAS:
OUTRAS COMPREENSÕES SOBRE
A PRESENÇA NEGRA NO BRASIL**

**JOÃO
PESSOA
2022**

MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA ALVARES TEOFANES

**ABAYOMI EM NÓS POR LINHAS
SIMBÓLICAS ELIASIANAS: OUTRAS
COMPREENSÕES SOBRE A PRESENÇA
NEGRA NO BRASIL**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para Defesa de dissertação de mestrado. Linha de pesquisa: Estudos Culturais da Educação

Orientador/a: Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Lucena

JOÃO
PESSOA
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T314a Teofanes, Maria da Conceição Pereira Alvares.
Abayomí em nós por linhas simbólicas eliasianas :
outras compreensões sobre a presença negra no Brasil /
Maria da Conceição Pereira Alvares Teofanes. - João
Pessoa, 2022.
83 f. : il.

Orientação: Ricardo Figueiredo Lucena.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Educação - Crianças. 2. Abayomí - Narrativas. 3.
Identidade negra. I. Lucena, Ricardo Figueiredo. II.
Título.

UFPB/BC

CDU 37-053.2(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA ALVARES TEOFANES, ALUNA DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO/PPGE/CE/UFPA.

Aos vinte e nove (29) dias do mês de março do ano dois mil e vinte e três (2023), às 9:00 horas, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/wcj-gshy-gaj>, realizou-se a sessão de defesa de dissertação da mestranda Maria da Conceição Pereira Alvares Teofanes, matrícula 20201000764, intitulada “ABAIOMI EM NÓS POR LINHAS SIMBÓLICAS ELIASIANAS:OUTRAS COMPREENSÕES SOBRE A PRESENÇA NEGRA NO BRASIL”. Estavam presentes, os Professores Doutores: RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA (Orientador/PPGE/CE/UFPA);DINA NARIA ROSÁRIO DOS SANTOS (UNEB); JEANE FELIX DA SILVA (PPGE/CE/UFPA) e demais convidados. O Prof. Dr. RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA, na qualidade de Orientador, declarou aberta a sessão, e apresentou os Membros da Banca Examinadora ao público presente; em seguida passou a palavra à mestranda Maria da Conceição Pereira Alvares Teofanes, para que no prazo de 30 minutos apresentasse a sua dissertação. Após exposição oral apresentada pela mestranda Maria da Conceição Pereira Alvares Teofanes, o Prof. Dr. RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA, passou a palavra aos membros da Banca Examinadora para que procedessem a arguição pertinente ao trabalho. Em seguida, a mestranda Maria da Conceição Pereira Alvares Teofanes respondeu as perguntas elaboradas pelos Membros da Banca Examinadora e, na oportunidade, agradeceu as sugestões apresentadas. Prosseguindo, a sessão foi suspensa pelo Orientador, o Prof. Dr. RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA, que reuniu-se secretamente com os Membros da Banca Examinadora, e emitiu o seguinte parecer:

A BANCA EXAMINADORA CONSIDEROU A DISSERTAÇÃO: APROVADA.

A seguir, o Prof. Dr. RICARDO DE FIGUEIREDO LUCENA apresentou o parecer da Banca Examinadora à mestranda Maria da Conceição Pereira Alvares Teofanes, bem como ao público presente. Prosseguindo, agradeceu a participação dos Membros da Banca Examinadora, e deu por encerrada a sessão. E para constar, eu, Glória de Lourdes Fernandes, representando a Secretaria da Pós-Graduação em Educação, lavei a presente Ata que segue assinada por mim e pelos Membros da Banca Examinadora, em testemunho de fé. João Pessoa, 29 de março de 2023.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



A BANCA EXAMINADORA, TENDO EM VISTA A EXPOSIÇÃO ORAL APRESENTADA PELA MESTRANDA MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA ALVARES TEOFANES E PROCEDIDA A ARGUIÇÃO PERTINENTE AO TRABALHO FINAL, CONSIDEROU A DISSERTAÇÃO:

- APROVADA
- INDETERMINADA
- REPROVADA

MEMBROS – BANCA EXAMINADORA	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Ricardo de Figueiredo Lucena (Orientador)	PPGE/CE/UFPB	
Dina Naria Rosário dos Santos	UNEB	
Jeane Felix da Silva	PPGE/CE/UFPB	

João Pessoa, 29 de março de 2023

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos, talvez uma das etapas mais difíceis de todo o processo dissertativo, afinal, queremos lembrar com carinho das pessoas que passaram ou que permanecem em nossa vida de uma forma ou de outra, quero não correr o risco de esquecer alguma.

Gratidão à força do amor e misericórdia que move minha vida, pela conclusão de mais uma jornada acadêmica, e por continuar persistindo e acreditando que seriam possíveis as andanças pelas tramas teóricas e o trançar de novos caminhos.

À minha família, minhas avós Adalgiza Pereira Máximo (por me ensinar a fazer bonequinhos de pano com palito de fósforo) e Laura de Oliveira (por ser para mim, a paciência em Terra) e avôs José Pereira e José Teofanes (alfaiate, de quem também herdei as habilidades manuais) (*in memóriam*). Especialmente a minha mãe Maria das Graças Pereira Alvares Teofanes, meu pai João Teofanes de Oliveira, minha prima-irmã Jéssika Stanley Mendes, meu cunhado Leandro de Andrade Mendes e ao meu sobrinho João Lucas, a minha prima Jedilla Stanley, a minha afilhada Luíza Azevedo e Miguel Azevedo com quem experimento o brincar, às minhas madrinhas Fátima Pereira Xavier e Josélia Teofanes, por me apoiarem e me incentivarem a estudar e lutar pelos meus sonhos.

Às amigas e amigos de estudos e reflexões, Thais Vasconcelos, Lázaro César, Zoelly, Jordânia e as Ângela e Ruth e aos amigos e irmãos de coração Jonathan e Bel Carmem por me escutarem no momento em que as linhas quase rompem do tear.

Aos grupos de estudos e pesquisa GEINCOS e ao Grupo de Estudos Norbert Elias, sendo o primeiro com quem eu tive a oportunidade de compartilhar as impressões dos estudos étnico-raciais e sobre a decolonialidade na perspectiva afrodiaspórica e o segundo, sobre os estudos eliasianos e os impactos potentes das leituras de Norbert Elias em minhas ideias para a vida.

Às professoras Dra. Alba Cleide Calado Wanderley, Dra. Rose Mary Araújo e Dra. Roseanne Amorin, essa terceira por ser minha preceptora no Estágio em Docência e por acompanharem meus momentos de inquietações e desenvolvimento enquanto pessoa humana e profissional, uma verdadeira teia de sororidade firmando meus olhares.

Ào meu orientador, o professor Dr. Ricardo Lucena, que soube mostrar o momento certo para agir diante das tribulações que é dissertar, as palavras não expressariam a admiração que tenho pelo mesmo, enquanto profissional competente e comprometido.

RESUMO: A contribuição de Abayomí para a Educação das novas gerações de crianças negras está em gradativa ascensão, uma vez que a mesma gera uma rede de interdependência ao compartilhar categorias em suas versões narrativas, que a faz ser utilizada como instrumento de afirmação identitária para mulheres e crianças, sendo reconhecida no campo simbólico das relações de poder como resistência. Qual/quais são as compreensões da Abayomi como símbolo de identidade e resistência ? Como objetivo geral analisamos a força simbólica das narrativas Abayomí em uma perspectiva Eliasiana de identidade e relações de poder, que foram difundidas oralmente e sistematizadas. Especificamente objetivamos compreender como as narrativas simbólicas auxiliaram na presença identitária de negros e negras no Brasil; Compreender suas contribuições para a educação de novas gerações de crianças negras ao sintetizar das narrativas o que há de pensamento, linguagem e conhecimento com base na teoria simbólica. Metodologia de pesquisa de caráter documental, foram utilizados documentos que requerem uma organização na análise uma vez incluídas fotografias do arquivo pessoal. Refletindo ou representando por linhas da teoria simbólica de Norbert Elias e da identidade em Nilma Lino Gomes (2005 e 2018) e utilizando-se da descrição das narrativas assim como da síntese das mesmas buscamos tecer entre as tramas das principais narrativas sobre Abayomí e de sua idealizadora Lena Martins.

Palavras-chave: Abayomí. Educação. Identidade Negra

ABSTRACT: The contribution of Abayomí to the education of the new generations of black children is on the rise, since it generates a network of interdependence by sharing categories in their narrative versions, which makes it be used as an instrument of identity affirmation for women and children, being recognized in the symbolic field of power relations as resistance. What/what are the understandings of Abayomi as a symbol of identity and resistance? As a general objective we analyze the symbolic force of the Abayomí narratives in an Eliasian perspective of identity and power relations, which were disseminated orally and systematized. Specifically, we aimed to understand how symbolic narratives helped in the identity presence of black men and women in Brazil; Understand their contributions to the education of new generations of black children by synthesizing from the narratives what there is of thought, language and knowledge based on symbolic theory. Documentary research methodology, documents that require an organization were used in the analysis once photographs from the personal archive were included. Reflecting or representing by lines of the symbolic theory of Norbert Elias and identity in Nilma Lino Gomes (2005 and 2018) and using the description of the narratives as well as the synthesis of them, we seek to weave between the plots of the main narratives about Abayomí and its creator, Lena Martins.

Keywords: Abayomí. Education. Black Identity

LISTA DE SIGLAS

- OPET**- Organização Paranaense de Ensino Técnico
- PIBID**- Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência
- PUC-Rio** Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- UNILAB**- Universidade da Integração Nacional da Lusofonia Afro-brasileira
- UFPB**- Universidade Federal da Paraíba
- URCA**- Universidade Regional do Cariri
- UFMG**- Universidade Federal de Minas Gerais
- UFRGS** -Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UDESC**- Universidade do Estado de Santa Catarina
- UFS**- Universidade de Sergipe
- UFSC**- Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –(Ceiça no colo da tia-avó em 1985)-----	17
Imagem 2 - (Ceiça no colo da Mãe em 1986)-----	17
Imagem 3– (Docentes do Sesi São Paulo-Jaú participam de Oficina “Boneca Abayomi”) -----	19
Imagem 4 - (Performance do poema cantado “ Abayomi (1)”- Gesto de saudação) -----	21
Imagem 5- (A professora Silvana, trabalhou com seus alunos do 3ºano, Histórias da Boneca Abayomi.-----	21
Imagem 6 - (A professora Silvana, trabalhou com seus alunos do 3ºano, Histórias da Boneca Abayomi. Detalhe ao centro da foto)-----	21
Imagem 7 - (Topsy Turve Dolls)-----	26
Imagem 8 - (Abayomí/Abayomi enquanto tecnologia ancestral)-----	27
Imagem 9- (Mapa regional das tessituras Abayomis)-----	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – (Relatos de experiências, artigos resultantes de teses e dissertações selecionados em Anais de Encontros e seminários, revistas e repositórios no período de 01 a 02 de janeiro de 2022 com os termos de busca Abayomi, Educação, identidade negra e infâncias negras no título, subtítulo, palavra-chave e/ou resumo)
-----28

SUMÁRIO

	INICIANDO A CONVERSA	11
CAPÍTULO I	1.1-ABAYOMÍ EM MIM:TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E RELEVÂNCIA-O PRIMEIRO NÓ.	16
	1.2-ABAYOMÍ EM NÓS:APROFUNDANDO AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DAS TESSITURAS DE OUTRAS NARRATIVAS, POSSÍVEIS- O SEGUNDO NÓ.	24
CAPÍTULO II	2-BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE NORBERT ELIAS NOS ESTUDOS CULTURAIS: ALGUNS CONCEITOS E PRESENÇAS.	42
	2.1-CONCEITOS IMPORTANTES PARA A SÍNTESE DAS NARRATIVAS: IDENTIDADES E RELAÇÕES DE PODER IMBRICADAS EM GÊNERO, CLASSE E RAÇA-O TERCEIRO NÓ.	47
	2.2- CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E A PERSPECTIVA DE NORBERT ELIAS COM A CIVILIZAÇÃO DOS PAIS- O QUARTO NÓ.	57
CAPÍTULO III	3-EXPERIÊNCIAS ABAYOMÍ: TECNOLOGIA ANCESTRAL DE RESISTÊNCIA E FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES NEGRAS -QUINTO NÓ.	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	O SEXTO NÓ.	76
REFERÊNCIAS		79

INICIANDO A CONVERSA

A contribuição de Abayomi para a Educação das novas gerações de crianças negras está em gradativa ascensão, uma vez que a mesma gera uma rede de interdependência ao compartilhar categorias em suas versões narrativas, que a faz ser utilizada como instrumento de afirmação identitária para mulheres e crianças, sendo reconhecida no campo simbólico das relações de poder como resistência.

Aqui já apresentamos a questão de pesquisa: Qual/quais são as compreensões da Abayomi como símbolo de identidade e resistência ?

Como objetivo geral pretendemos analisar a força simbólica das narrativas Abayomi em uma perspectiva Eliasiana de identidade, relações de poder imbricadas em gênero, classe e raça, que foram difundidas oralmente e sistematizadas. Especificamente objetivamos compreender como as narrativas simbólicas podem auxiliar na presença identitária da população negra; Compreender suas contribuições para a educação de novas gerações de crianças negras ao sintetizar das narrativas o que há de pensamento, linguagem e conhecimento com base na teoria simbólica.

Como o dialogo de Norbert Elias será também com autoras e autores negras e negros e não negros, observamos que as narrativas difundidas, sejam míticas ou sistematizadas como pesquisas científicas, nos aponta para um entrecruzamento com a memória, oralidade e ancestralidade, que despertam para a compreensão da Abayomí como símbolo de identidade e resistência simbolicos de processos civilizatórios da população negra brasileira.

Aqui, a referência ao processo civilizatório de africanos no Brasil, nos faz pensar em deslocamento e na importância de um lugar de pertencimento, bem como na preocupação com as novas narrativas, uma vez que uma das versões que narram a origem, possui aspecto de oralidade e por apresentar um momento histórico como o tráfico negreiro no séc. XV em seus meandros dos navios que fizeram o percurso diaspórico, em que as identidade de africanos e africanas são generalizadas.

As lutas no séc. XV, ainda não eram por figurações que identifiquem\ reconheça as nações e línguas diversas em seus processos civilizatórios, mas pela liberdade do corpo como território ancestral, pauta não adormecida, mas que ganha outros contornos e entrelaçamentos com as novas figurações que surgem no País em resposta ao desenvolvimento e outros deslocamentos da população negra.

Trazem assim o fim da escravização, luta por direitos civis, inclusão social na educação, etc e pela inserção em outras configurações para a representatividade, entre as

narrativas Abayomí e Norbert Elias, e a importância desse último para os Estudos Culturais da Educação no tocante ao estudo da Educação para as Relações Étnico-raciais .

Pensar que vivemos em uma sociedade em que o racismo se manifesta de várias formas e isso se deu por vários motivos incluindo o histórico evento colonizador, deixando heranças históricas e discriminatórias, perpetuando um legado e dando base para que formas de relações de poder outras também apareçam como resistência.

Observando que em suas narrativas, assim como Norbert Elias expõem sobre as relações de poder, a Abayomi caracteriza-se como uma tecnologia educativa para se trabalhar História Afro-Brasileira e Africana em sala de aula ou em outros espaços educativos.

No sentido de apresentar *Abayomí* em suas narrativas. Traçamos primeiramente um caminho metodológico semelhante ao momento de tessituras da *Abayomí* enquanto boneca de pano, feita sem cola e costura, sendo a única tessituras necessária, a interdependência entre os parágrafos e capítulos, observados em Norbert Elias.

Ao aprofundar as leituras dos componentes do mestrado, outro ponto que metodologicamente foi impactante, diz respeito a leitura do autor chave da dissertação, Norbert Elias, ao iniciar as leituras junto ao grupo de pesquisa que possui o mesmo nome, foi possível aos poucos perceber os entrelaçamentos e interdisciplinaridades para compor Abayomí., mantivemos alguns procedimentos de pesquisa enquanto outros foram tecidos conforme as filiações teóricas.

A revisão deu-se ao elencarmos em um primeiro momento um procedimento formal e apontada em Gil (2008) como importante para o delineamento da pesquisa, já que a fonte bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Como forma de otimizar a análise das narrativas tentaremos reconstruir primeiramente enquanto pesquisadora, cheguei ao tema e em que ou qual a importância do mesmo na vida, utilizaremos algumas fotos de arquivo pessoal e outras coletadas de blogs, conforme KOSSOY (2012) as fontes fotográficas - fotografias e documentos primários, originais ainda não utilizados em estudos e pesquisas, são importantes no estudo histórico e memórias, bem como serve de instrumento para reconstruir as narrativas que fortalecem as identidades.

Após revisão, narramos nossa aproximação com o tema e ao relacioná-las analisaremos que categorias estão presentes nas principais narrativas para traçar a trajetória de resistência Abayomí. Como parte do procedimento realizamos uma revisão em fontes seguras de Instituições Federais de Ensino em São Luiz do Maranhão e Rio de Janeiro por serem Estados em que a precursora da Abayomi exerceu suas atividades.

A Metodologia de pesquisa de caráter documental conforme (GIL, p46) são utilizados

documentos que não foram analisados, requer uma organização na análise uma vez que foram incluídas fotografias do arquivo pessoal, etc. Refletindo ou representando por linhas da teoria simbólica de Norbert Elias e utilizando-se da descrição das narrativas assim como da descrição de imagens buscamos tecer entre as tramas das principais narrativas sobre Abayomi e de sua idealizadora Lena Martins.

Faremos uma breve consideração sobre Norbert Elias (autor principal do presente projeto de dissertação) pontuando sobre o primeiro contato com o autor ocorre durante a inserção no grupo de estudos Eliasianos, com a leitura do livro “A sociedade de corte” no prefácio de Chartie, quando o mesmo a proposta da teoria sociológica em que a história não pretende ser contada do ponto de vista dos reis, mas a partir dos meandros das camadas mais densas da sociedade.

Como subtópico temos alguns questionamentos quando nos deparamos com a importância dos estudos de Norbert Elias em Gana, seus estudos sobre as relações de poder e identidade, tendo em vista que os Estudos culturais se espriam também na América Latina e África.

Levantamos também outros conceitos importantes para o processo de síntese das narrativas, ao falarmos sobre identidade, relações de poder imbricadas em genero, classe e raça, debatendo essas relações no Brasil e perceber que as mesmas são revestidas/adquirem outras facetas na tessitura conforme as narrativas apresentadas durante a dissertação.

buscamos apresentar o cerne do projeto de dissertação, apontando para a trajetória profissional da mestrande e a relevância do presente estudo, trazendo à tona a teoria simbólica e as significações da palavra Abayomí e suas figurações. A Teoria Simbólica de Norbert Elias (1994), o autor de base para a dissertação, é importante para a compreensão das narrativas Abayomí no Brasil, representa simbolicamente uma boneca que é feita com amarrações e nós, considerada um símbolo de resistência no caso e com sua Teoria simbólica, os padrões sonoros são reconhecidos pela maioria de membros de uma sociedade com mais ou menos o mesmo sentido e tipo de conhecimento, símbolo de resistência e de repugnam ou medo devido suas características físicas seu corpo.

Em Abayomí em nós, aprofundamos com base na teoria Eliasiana, os primeiras impressões para as tessituras de outras narrativas possíveis, como um legado afirmativo difundido pelos ancestres, quando da imagem mental de Sankofa nos vem à memória como símbolo utilizado pelos povos Akan, nos ensinando que os valores civilizatórios africanos, podem ser encontrados em pistas ou explicitamente nas narrativas Abayomí e outros processos.

As tessituras com Abayomí e Norbert Elias, faz eclodir que as reivindicações ocorridas

aproximadamente nos anos de 1980, período de redemocratização do país influenciarão uma de suas precursoras, a Lena Martins nascida em São Luiz do Maranhão e residente no Rio de Janeiro, foi um projeto importante para a educação nos/dos CIEPS-Centros Integrados de Educação Pública.

Algo que também concorre para a compreensão dessas narrativas, possui uma centralidade nas concepções de infância e nas perspectivas de Norbert Elias quando o autor aponta para a civilização dos pais e como as concepções de infância vão ao longo do processo modificando-se e como as gradientes do poder, implica também na gradiente com que as identidades são construídas coletivamente trazendo aqui as formas relacionais intergeracionais e intrageracionais (as relações entre elas mesmas e as relações entre outras gerações).

A tessitura do terceiro capítulo, deu-se após a qualificação como uma síntese que aprofunde a construção de outras narrativas Abayomí e suas contribuições para as novas gerações de negros/pretos, uma pergunta base de/para o desenvolvimento de nossa tese.



CAPÍTULO I

1. ABAYOMI EM MIM: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E RELEVÂNCIA, O PRIMEIRO NÓ.

ABAYOMI (1)

Abayomi,
menina Entre pernas de
mãe e de vó A trança que
nos aproxima Ensina da
vida, desata nó

Solto a voz da
memória Sou toda
negra mulher Sou da
reciprocidade
Sororidade é

Firma o passo,
nêga Estende a mão (firma o passo,
nêga)
Firma o passo,
nêga Estende
a mão
Não somos
inimigas Somos a
revolução
E nossa luta é nesse chão

A noite odara
É
preta Tulipa
mais rara
É
preta É vida que
desabrocha Em cores
e facetas
Nossa união
É preta

⁽¹⁾ Composição: Marcelle Motta / Maria Menezes / Marina Iris / Nina Rosa / Simone Costa.
Fonte: <https://www.lettras.mus.br/preta/abayomi/>

O poema cantado (1) faz lembrar a minha infância quando recordação de um momento único em que estive no colo de minha tia-avó (Arlinda Pereira) e no colo de minha mãe (Graça), eternizado não apenas na memória, mas captado por lentes que não apenas às de meu olhar, ao representarem a simbologia presente em uma das narrativas¹ publicadas por Lena Martins² transformadas em literatura infantil “Vida que voa”³.

Imagem 1: Ceiça no colo da tia-avó em 1985



Fonte: Arquivo pessoal-Ceíça Teofanes

Imagem 2: Ceíça no colo da Mãe em 1986



Fonte: Arquivo pessoal -Ceíça Teofanes

Na imagem 1, observamos ao fundo o terraço nas cores brancas, e piso de cimento queimado, contendo três adultos, ao fundo minha avó materna em pé, atrás de uma cadeira de

¹ Sobre que é uma narrativa, explicaremos mais para a frente.

² Lena Martins (Artesã, militante do Movimento Negro feminista, precursora da Abayomi/Abayomi);

³ Livro “Vida que voa”, de Lena Martins e ilustrações de Carolina Figueiredo, Lena Martins e Luciana G. Carvalho, as ilustrações são fotos de cenas montadas com as bonecas da Cooperativa Abayomi, Editora Escrita Fina, publicado em 1 de Janeiro de 2011.

madeira onde sentada está uma boneca Fofura (uma boneca popular entre as crianças da década de 1984/1990, fabricada em vinil, com colar, roupas e sapato brancos).

Em primeiro plano, estamos eu, minha tia avó (Arlinda) e meu padrinho de batismo (Marconildo), minha tia avó sentada em uma cadeira de madeira comigo ao seu colo e meu padrinho ao lado de nós duas, todas as pessoas que aparecem na foto estão utilizando roupas características da época.

Nessa imagem 2, um ambiente do interior de uma casa com paredes brancas, ao fundo um quadro e cartazes, ao centro da foto, eu e minha mãe (Maria das Graças) a mesma utilizando blusa branca e calça pescador azul céu, eu em seu colo, utilizando roupas e sandálias brancas, ao lado direito da foto uma caixa de som e ao lado esquerdo da foto um móvel de apoio para a sala, também característico da época.

O poema cantado (1) espelha a vida vivida, o dístico⁴ representa uma descrição de um giro na noção de criança/infâncias em meados da década de 80 quando remetem a uma criança entre as pernas da mãe e da avó, os conhecimentos passados de geração em geração. Importante refletir também que o corpo infantil, na época tido como algo sagrado, crianças como seres angelicais e inocentes, ou mesmo objetificados.

Enquanto que no poema cantado (1) percebemos um girar de chave em relação a condição quase etérea de corpos infantis como território e que não se reconhece enquanto tal, vai dando espaço a noção de criança/infâncias⁵ que possuem conhecimentos a partir do território primeiro em que habita ou que se faz pertencer.

Quando em caminhos trilhados em 2013 enquanto participante da organização em uma etapa municipal de uma conferência de Política de Promoção da Igualdade Racial, em preparação para a etapa nacional, levaram-me até Abayomí/Abayomi, na época eu ainda não conhecia sua relevância e significados, mas, ao recebê-la dentro de uma sacola de embrulho transparente, enfeitada com uma fita para presentes, grampeado junto a mesma estava um pedaço de papel impresso com uma das primeiras narrativas sobre Abayomí/Abayomi que eu conhecera a partir de então.

Mas o que é Abayomí/Abayomi? Qual/quais significados? Sobre o que fala Abayomí/Abayomi? Não é um brinquedo, mesmo sendo considerada uma boneca de tecido feita com amarrações, sem cola e sem costura para orientar e comunicar uma afetuosidade às pessoas que a recebem como presente, seus nós representam a vida e as resistências, aqui no plural por significar tanto um movimento ao qual estamos entrelaçadas/entrelaçados umas/uns aos outras/outros devido a dinâmica da sociedade- ora fala da sobrevivência enquanto grupo-sendo o nós o coletivo- ora para falar das resistências individuais que se

⁴ Pensamento ou frase expressa em dois versos.

⁵ Sobre as noções de crianças/infâncias negras explicaremos no segundo capítulo desta dissertação.

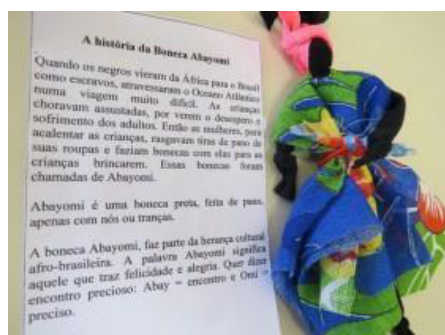
coletivizam.

Abayomi fala sobre a vida e sobre os processos de interações humanas nas dinâmicas da sociedade em suas manifestações de poder gradientes, sua tessitura, importante explanar que aqui o termo é utilizado com dois “ss”, mesmo que seu significado esteja relacionada ao de “tecer”, “tecido”, na presente dissertação é tanto um termo recorrente no campo de Estudos Culturais da Educação, como por sua grafia advinda de “*tessere*”, do latim “*texo*”, significando a organização, o trabalho de entrelaçar, sobrepor um tecido ao outro.

Quais significados de Abayomí/Abayomi? Entre as representações simbólicas a palavra Abayomi com letra inicial maiúscula e sem acento gráfico na letra [i] - designa em Martins (2019) uma boneca de retalho de pano feita sem cola e sem costura e que posteriormente ganha o nome próprio, *Abayomi*, palavra da língua africana. (do Yorubá, *abay*= encontro e *omi*= precioso) que ora encontramos em sua forma homófona heterográfica em *abayomi* (com propriedade polissêmica) e ora em sua forma heterofônica em *Abayomí*.

Na ocasião, guardei-a com cuidado junto a alguns objetos recebidos durante as viagens que realizava, a mesma fora retirada da sacola de presente e do papel que a acompanhara e servia para enfeitar a mesa e lembrar de situações importantes, como não a tenho comigo, pesquisei e encontrei algumas imagens semelhantes à Abayomí que recebi na época, como critério de busca utilizei a semelhança da imagem e contexto com a Abayomi/Abayomí a qual fui presenteadada.

Imagem 3: Docentes do Sesi São Paulo-Jaú participam de Oficina “Boneca Abayomi”



Fonte: SESI Jaú (Créditos foto de Lilian Raquel Pires-22 de Novembro de 2017).Disponível em: [SESI - Jaú - Docentes do SESI-SP de Jaú participam da Oficina “Bonecas Abayomi” \(sescsp.org.br\)](http://SESI - Jaú - Docentes do SESI-SP de Jaú participam da Oficina “Bonecas Abayomi” (sescsp.org.br) . Acesso em 09 de Maio de 2021) . Acesso em 09 de Maio de 2021

Na imagem 3 é possível observar ao lado direito a Abayomi feita em retalhos e nós, revestidas de um pedaço de tecido colorido- conhecido por chita, igualmente envolvido ao corpo da boneca com amarrações, assim como no topo da cabeça, observamos um turbante ou torço enfeitando o cabelo e também fixado com nós.

Para melhor apresentação, reproduzirei o texto impresso tal qual foi publicado na oficina ministrada pela pedagoga Lilian Raquel Pires, no ano de 2017 e aproximando ao que foi observado na imagem 3.

A história da Boneca Abayomi

Quando os negros vieram da África para o Brasil como escravos, atravessaram o oceano Atlântico numa viagem muito difícil. As crianças choravam assustadas, por verem o desespero e o sofrimento dos adultos. Então as mulheres, para acalantar as crianças, rasgavam tiras de pano de suas roupas e faziam bonecas com elas para as crianças brincarem. Essas bonecas foram chamadas de Abayomi.

Abayomi é uma boneca preta, feita de pano, apenas com nós ou tranças. A boneca Abayomi, faz parte da herança cultural afro-brasileira. A palavra Abayomi significa aquele que traz felicidade e alegria. Quer dizer encontro precioso Abay=encontro e Omi=precioso.

Tal descrição nos faz perguntar sobre primeiramente o que seria uma narrativa? Conforme (PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e, 2008), temos que:

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado e recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. As narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais [...] (PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira, 2008, p.1)

Percebemos que parte do individual e se coletiviza, essas narrativas estão em nós e em outros espaços que não apenas a família, mas em espaços de educação escolar ou não.

O que não significa na presente dissertação afirmar que fora a única encontrada na pesquisa ao contrário, foi o ponto inicial de uma trama de nós que me conduziram a busca por essas e outras possíveis narrativas e representações simbólicas de abayomi, de maneira que busquei gradativamente conhecimento sobre a mesma, quando estava em um Programa de Bolsa de Extensão-PROBEX Em 2020, ano em que submeti o pré-projeto de pesquisa ao mestrado dando continuidade a pesquisa com as bases simbólicas eliasianas.

Durante a vigência do PROBEX no projeto- Brincadeiras africanas e afrobrasileiras, uma das atividades foi realizada em conjunto com estudantes do curso de Dança da UFPB, Juliana Lima e Zoey Cynthia as mesmas elaboraram a coreografia e eu participei dos ensaios e preparação do vídeo, bem como da escolha da música Abayomi, interpretada pelo grupo É Preta.

Imagem 4- Performance do poema cantado “ Abayomi (1)”- Gesto de saudação



Fonte: Arquivo pessoal- Ceiça Teofanes @afro_brincar

A outra imagem que foi escolhida pelo critério de semelhança proximidade com o vivenciado foi elaborada por uma turma de 3º ano da Escola de Educação Básica Albano Kanzler de Nova Brasília em Jaraguá do Sul em Santa Catarina da turma da professora Silvana, conforme observamos na imagem 2 e com detalhe na imagem 3.

Imagem 5: A professora Silvana, trabalhou com seus alunos do 3ºano, Histórias da Boneca Abayomi.



Fonte: Escola Albano Kanzler (créditos foto de Escola Albano Kanzler). Disponível em: [EMEB "Albano Kanzler": Semana da Consciência Negra \(20 a 24 de Novembro - 2017\) \(escolaalbanokanzler.blogspot.com\)](http://EMEB%20%22Albano%20Kanzler%22%3A%20Semana%20da%20Consci%C3%AAncia%20Negra%20(%20a%2024%20de%20Novembro%20-%202017)%20(%20escolaalbanokanzler.blogspot.com%29), Acesso em: 09 de Maio de 2022.

Imagem 6: A professora Silvana, trabalhou com seus alunos do 3ºano, Histórias da Boneca Abayomi. (detalhe ao centro da foto)



Fonte: Escola Albano Kanzler

Podemos observar que a imagem 6, possui a mesma narrativa Abayomi que a imagem 3, sendo que não houve a exposição de como Abayomi é feita, nem de seu significado, assim como também não é referenciada a fonte de origem da narrativa na imagem 1 e 5 diferenciando um pouco a representação na quantidade de nós utilizadas no topo da cabeça.

Utilizando como base a Teoria Simbólica de Norbert Elias (1994), podemos constatar que uma delas utilizadas aqui no Brasil, representa simbolicamente uma boneca que é feita com amarrações e nós, é considerada um símbolo de resistência no caso de Abayomi com o exemplo acima é possível pensar que os padrões sonoros são reconhecidos pela maioria de membros de uma sociedade com mais ou menos o mesmo sentido e tipo de conhecimento, símbolo de resistência e de repugnância ou medo devido suas características físicas seu corpo e ausência de um rosto/face definido ou específico e que para outros grupos linguísticos de outras sociedade pode não estar simbolicamente representada.

“A *Teoria Simbólica* contribui para este vital alargamento do âmbito da sociologia ao situar a investigação da formação humana de símbolos [...] e ao mostrar como ela está intimamente ligada com a comunicação, a orientação e a sobrevivência do grupo.” (KILMISTER, 1994,xix- grifo do autor)

Em processo civilizador 2 -Formação do Estado e Civilização, Norbert Elias em suas 301 páginas aproximadamente temos o que chamamos de pistas metodológicas referentes à utilização das imagens retiradas do que o mesmo atribui como reino da tecnologia, comenta que nossa linguagem ainda não criou um vocabulário específico para descrever os processos sócio-históricos, mesmo sendo provisoriamente buscadas, e qual o motivação dessa busca, a própria dinamicidade dos processos em combinação com instituições mais recentes com as instituições de uma fase anterior.

Sobre as transformações sócio-históricas, Norbert Elias (1930) em Processo Civilizador 2, questiona a mudança das instituições, como um fluxo contínuo a constituição afetiva dos indivíduos mudam as mesmas e os mesmos não permanecem inalterados, sendo para os indivíduos compreender que na história, nenhum fato é isolado jamais produz por si mesmo qualquer transformação, mas apenas em combinação com outros e outras.

Apresentamos a Abayomi, em suas primeiras narrativas, e como as mesmas foram inseridas nos espaços educativos, essa que encontramos em pesquisas como as de Eunice Aparecida Borsetto, Ivan Rêgo Aragão de 2020, nos dizem de primeiras impressões e confecções da Abayomi, de uma maneira lúdica, aproveitando o contexto da Abayomi para o ensino de História da África e afro-brasileiro, realizado por educadoras e educadores.

Encontramos algo próprio da linguagem, tendo na oralitura conforme Leda Martins (2003) que refere-se a uma poética da oralidade que possui no corpo e na voz seu lugar de

constituição enquanto linguagem, uma vez que a memória do conhecimento não está inscrito apenas em museus, arquivos, monumentos, mas se reconstitui e se transmite pelos ambientes da memória, pelos repertórios orais e corporais, gestos e hábitos como meios de criação, passagem, reprodução e preservação dos saberes.

As performances rituais, cerimônias e festejos, por exemplo, são férteis ambientes de memória dos vastos repertórios[...]padrões técnicas e procedimentos culturais[...]recriados, restituídos e expressos no e pelo corpo. Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos dentre outros, além de procedimentos, técnicas, quer em sua moldura quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance.

Observamos esse processo no meio e essa potencialidade de reconfiguração formal e conceitual dos ritos e sua forma eficaz de transmissão e de reterritorialização de um complexo de conhecimentos, dentre eles uma instigante concepção de cronos, como algo não linear.

Quando trançamos esses fios das narrativas e oralitura, temos uma reterritorialização potente na concepção de ancestralidade- por se tratar da essência da visão negra-africana de mundo e por ser um dos elementos dentre os valores civilizatórios africanos que interagem com elementos sociais, físicos e cósmicos e formam elos significativos. Sobre esse entrelaçamento Leda Martins (2003) diz:

A percepção cósmica e filosófica entrelaçam no mesmo circuito sem significância, a ancestralidade, o tempo e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos desvestidos de uma cronologia linear, estão em processos de uma perene transformação. (MARTINS, Leda. 2003, p. 75)

Temos aqui a visualização de uma dinâmica de ida e volta, um desenrolar de ciclos que constituem os/as indivíduos permanecendo em movimento mais espiralado, que nos remete a ideia do cosmograma bacongo⁶- importante inscrição africana, signo do cosmo, da continuidade, da vida. Percebemos que as narrativas Abayomi possuem um movimento em suas constituições narrativas, manifestas pelo Axé (força vital-valor civilizatório africano) da qual advém a potencialização da mesma enquanto símbolo de afeto e resistência, bem como de continuidades, criação, reprodução e produções.

Ainda sobre o Cosmograma Bacongo, o mesmo nos revela ensinamentos relacionados a vida humana, de maneira que o social e o natural estão em interdependência, a concepção de tempo possui uma dinamicidade que está sujeita a reformulações e mudanças, assim ao ser entrelaçada e firmada com seus nós as formas de elaboração de Abayomi como uma tecnologia educativa também agem em sua potencialidade por meio das rodas de conversa ou de contações de história, através intelectuais negras ativistas que pensam Abayomi por outros ângulos em suas diversas narrativas.

Conforme apresentaremos a seguir, as pesquisas de caráter científico seguidas de forma metodológica para dar a ideia que ao colocarmos em sequência, poderíamos observar o

⁶ Sobre o Tempo ver Eduardo Oliveira, Cosmovisão africana no Brasil. 2021,v. 1, p.60-61

desenvolvimento de categorias e elementos próprios do processo civilizatório que abre um portal para um legado de afirmações, bem como nos mostra um desenvolvimento das pautas em torno das identidades e relações de poder como valores para as novas gerações de crianças/infâncias negras.

1.2 ABAYOMI EM NÓS: AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DAS TESSITURAS DE OUTRAS NARRATIVAS POSSÍVEIS- O SEGUNDO NÓ

“[...] procuram-se bonecas pretas[...] troco estética opressora por identificação libertadora[...].”

Como bem cantou Larissa Luz (2016), uma procura que Lena Martins, precursora da Abayomi- símbolo para além da boneca feita sem cola e sem costura sintetizou uma forma de difundir e preservar os valores civilizatórios africanos, como a memória e oralidade, ambas como ferramentas de ressignificação de concepções com ações do passado, tornando explícitas as memórias “de mulheres [...] suas histórias de vida e conhecimentos. O que mantém a história viva de uma camada da sociedade marginalizada e muitas vezes alheia ao que é oficial.

Ao traçarmos um pouco mais nossa pesquisa, nos encontramos diante de configurações e ao falarmos sobre isso, nos referimos à imagem e o primeiro conceito identificado foi o utilizado por (Ângela FIGUEIREDO, 2020, p.211) “as imagens são representações de si construídas pela sociedade através dos discursos que nos constituem como sujeitos”.

“Há um legado de afirmações, deixados pela nossa ancestralidade que nos revelam a importância de podermos voltar e busca a aprendizagem com o passado, de forma a transformamos o momento presente e o futuro”

A citação acima nos contempla com a imagem mental de sankofa, um símbolo Adinkra utilizado pelos povos Akan conforme aparece em Lopes, para nos ensinar sobre os princípios e a valorização do passado para a aprendizagem presente, voltar ao ponto em que nos encontramos em uma encruzilhada de possibilidades e assim seguir em frente com as leituras das narrativas abayomi em suas contribuições para as gerações.

Para Eliane Fátima Boa Morte do Carmo (2016) o símbolo Adinkra é uma tecnologia ancestral africana que demonstram as complexidades da cultura e linguística e refletem os conceitos filosóficos de um povo sobre este sistema de escrita antiga é importante ver História da África nos anos iniciais do Ensino Fundamental: os Adinkra.

No momento em que dissertamos sobre essas tessituras com Abayomi e Elias, as reivindicações ocorridas aproximadamente nos anos de 1980, período de redemocratização do país influenciarão uma de suas precursoras, a Lena Martins nascida em São Luiz do Maranhão e residente no Rio de Janeiro, onde iniciou seus trabalhos enquanto educadora dos CIEPS,

onde ministrou projetos importantes, oficinas e cursos, Lena Martins herdou de sua mãe a arte de tecer podemos projetar conforme (Renata Barreto MALTA)

Abrimos um parêntese para falar brevemente sobre os Centros Integrados de Educação Pública, que em 2022, completariam 37 anos, conforme projeto de Darcy Ribeiro inscrito pela modernidade, os mesmos apresentavam um projeto civilizador conforme Moreira, Junior e Soares (2019), não aprofundaremos o debate sobre mesmo, apenas pontuamos para conhecimento de sua importância na época para as crianças de regiões periféricas e por ser um dos espaços de atuação de Lena Martins e início de seu trabalho com Abayomi.

Tháise Batista de OLIVEIRA, (2016) “Enegrecimento das redes sociais” -aqui aspeada por ser um termo das autoras- nas representações advindo das discussões da Marcha das Mulheres Negras e em outras palavras, conforme Dailza Araújo Lopes e Angela Figueiredo (2019) as redes sociais aparecem como campo de problematização e de afirmação dessas identidades que se percebem contempladas por/nessas essas configurações.

Com isso observamos que estamos diante de um campo simbólico em que as relações sociais se dão a todo momento e para cada indivíduo suas ações reverberam as representações que fazem, assim como sankofa, voltar para buscar o que ficou de aprendizado para melhorar o momento presente, também nesse campo simbólico das representações estamos e somos interdependentes.

Temos, portanto, observado que Abayomi nos provocam em vários sentidos e nos fazem questionar o que têm a nos dizer sobre as configurações e os processos civilizatórios, e quando observamos nesse caso a Abayomi como objeto de pesquisa.

Para a tessitura da presente dissertação, foi necessária traçar a literatura acadêmica sobre *Abayomi*, é garimpar algo precioso, juz ao termo que se ramifica entre histórias para crianças e adultos transmitidas de forma oral com origens a serem estudadas, e a produção da boneca, elaborada por uma brasileira atuante no Movimento de Mulheres Negras e artesã, em dezembro de 1988 (NASCIMENTO, 2019).

Identificamos desde o pré-projeto alguns artigos para nos aproximarmos das discussões em torno da origem da *Abayomi* e suas representações e encontramos um debate voltado - de forma recorrente - as suas origens no Brasil, bem como pistas sobre outras bonecas e histórias antecedentes ou contemporâneas à *Abayomi* - exemplo é a *topsy turve dolls*, boneca com corpo feito de tecido, papel machê, porcelana ou plástico, em que apenas um tronco serve para sustentar os braços e duas cabeças.

Essa boneca a *Topsy turve dolls* tem uma característica que comunica as relações entre crianças em uma época em que afro-americanos viviam em condições de escravidão, e as crianças negras e não negras, sendo uma das cabeças da boneca escondidas debaixo da saia da

outra e vice-versa, geralmente a parte que ficava sob a saia era a que representava uma pessoa negra.

Vejamos:

Imagem 7: Topsy Turve Dolls



Fonte: [Antique Papier Mache Topsy Turvy Doll 7 inches: 092016Dtt: \(rubylane.com\)](http://AntiquePapierMache.com) .

Disponível em: rubylane.com

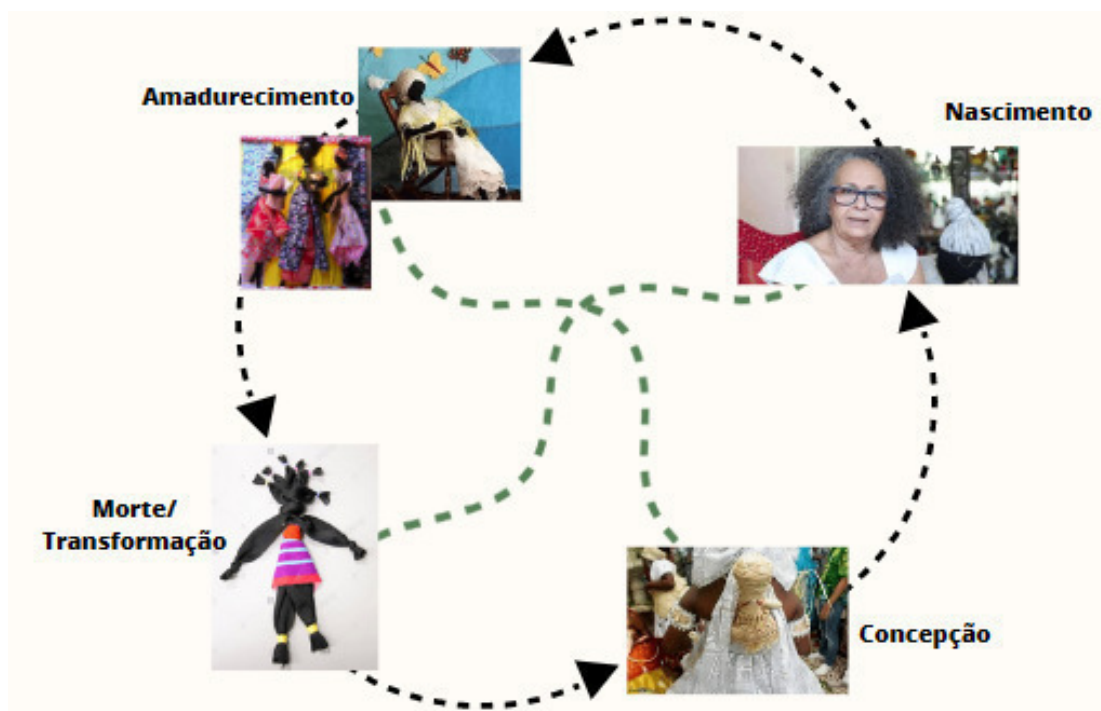
Em Carvalho (2006) encontramos a *Abayomi* em sua representação de valorização na proposta do artesanato; em Silva (2009) a tessitura das narrativas e imagens, dão contorno ao fluxo histórico ancestral feminino para empoderamento de mulheres; em Gomes, Bizarria, Collet *et al* (2017) versa sobre a carência sentida pela Waldilena Serra Martins (Lena Martins) de referenciais lúdicos e formativos que representassem de forma digna os diversos elementos culturais de matriz africana.

A *Abayomi* é gestada pelas comunidades tradicionais de povos de terreiro, Lena Martins como militante, ativista feminista negra, como alguém que possui sua ligação com as religiões de matriz Africanas e afro-bresileiras e diante dos contextos de luta por espaços, resistências e empoderamentos, consegue sintetizar, fazer nascer *Abayomi* e seu amadurecimento é percebido em literaturas, danças, músicas, artesanatos, mulheres feministas negras em seus grupos e cooperativas, sendo sua etapa quase mítica, a que provoca transformações ao sairmos da narrativa romantizada e a transformamos em tecnologia ancestral que educa, empoderando crianças e adultos.

É importante pensarmos sobre alguns conceitos, como o de representação social, não como uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta em transformação como o objeto que tenta elaborar, é dinâmica, móvel, uma visão que acompanha a velocidade com que novas informações são geradas.

Vejamos:

Imagem 8: Abayomi/Abayomí enquanto tecnologia ancestral-linguagem, pensamento e conhecimento/oralidade, memória e ancestralidade.



Fonte: Pesquisas da autora

Já a qualidade de representativo, vem do ato de sentir-se representado, por alguém ou movimento influente, geralmente nas mídias sociais. É a qualidade de nos sentirmos representados por um grupo, indivíduo ou expressão humana em nossas características sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais.

Geralmente as representações são por nós assimiladas por meio da oralidade- a que expomos ou a que assimilamos de outrem- como uma atividade intrínseca à natureza do ser humano, o uso cotidiano da oralidade vai alterando a linguagem escrita. Tal pensamento nos faz perceber que o uso não foi alterado, o que entra em descrédito e pouco reconhecimento é a oralidade para a preservação e transmissão da memória, como veremos a seguir:

A invenção de novos dispositivos de memória, mecânicos e posteriormente digitais, deram uma sensação de maior segurança àqueles que se valiam do registro dos acontecimentos. Assim, a função da memória e seu papel social foram alterados, bem como foi alterada a importância dada àqueles que antes eram os guardiões desta memória coletiva e que se valia da oralidade para sua preservação e transmissão (PINHEIRO E MARTINS, 2013, p.4-5).

Em Nascimento (2019) o artigo “Quem conta a história é quem dá o tom ou narrativas sobre as bonecas Abayomi: ancestralidade e resistência das mulheres negras ou romantização da escravidão?” traz a importância da memória, ancestralidade, religiosidade, resistência negra

e luta contra o racismo articulado à boneca *Abayomi*.

Algo importante a ser elencado na abordagem de Nascimento (2019) é em relação às bonecas de panos que fazem parte de ritos brasileiros, exemplo disso é o ritmo afro-brasileiro do Maracatu que abre seu desfile com uma boneca protetora, a Calunga, sendo essa, uma entidade que se manifesta na força da natureza e se relaciona com o mar, à morte, no candomblé, a boneca presa na roupa de *Oyá* é denominada por algumas pessoas de *Abayomí*, representando os nove filhos de Oyá.

Por outro lado, a história de bonecas negras se mostram também na perspectiva das relações sociais para crianças, segundo Nascimento (2019) às bonecas de panos são comuns em toda América. No Sul dos Estados Unidos, a boneca *Topsy-turvy doll*, que de acordo com Braten (2015) era produzida com duas cabeças e membros, sendo a parte preta escondida embaixo da roupa para ser vista apenas quando não havia alguém próximo.

No Brasil, as bonecas de pano negras também foram vistas enviesadamente, só em meados dos anos de 1980, num contexto de redemocratização política, com o Movimento Negro e Feminista que a boneca negra denominada de *Abayomi* (com letra maiúscula, por ser nesse caso originada de um nome próprio) é posta como um movimento de interação e resistência de um povo no Brasil..

Os estudos que originaram essa dissertação encontraram um ponto de partida, mas não de permanência, os estudos não esgotam em si, são apontamentos, vestígios para outros estudos, “*Abayomi* é um meio de interferir no imaginário racista através da ludicidade” (NASCIMENTO 2019, p.5). A autora continua "Mulheres em movimento fortalecem outras mulheres", acrescentaria que independente da representação *abayomi* que esteja presente em imagens e conteúdos nas mídias sociais, haverá uma trajetória de resistência que contribui para a educação.

Como parte das estratégias para operacionalizar a pesquisa, foi realizada a leitura e um breve resumo sobre os artigos que foram extraídos de teses e dissertações, bem como dos artigos que são relatos de experiência e resumos que envolvem *Abayomi*, tais textos foram organizados em uma tabela 1- levantamento de textos contendo: título, autoria, instituição de ensino superior, palavras- chave e fonte, conforme observaremos a seguir.

Também observamos que a elaboração de um mapa, nos daria uma visão, mesmo que só amostral das tessituras *abayomi*, observada a concentração em regiões tanto de origem de sua precursora (Lena Martins) como em regiões que a mesma migrou para exercer suas atividades.

Tabela 1- Relatos de experiências, artigos resultantes de teses e dissertações selecionados em Anais de Encontros e seminários, revistas e repositórios no período de 01 a

02 de janeiro de 2022 com os termos de busca Abayomi, Educação, identidade negra e infâncias negras n título, subtítulo, palavra-chave e/ou resumo.

Região Norte				
Título	Autoria	Instituição de Ensino superior	Palavras Chave	Fonte/Ano
-	-	-	-	-
Região Centro-Oeste				
Título	Autoria	Instituição de Ensino superior	Palavras Chave	Fonte/Ano
1-Valorizando a diversidade cultural: Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região do Centro-Oeste	Pamela Camile Silva Benevenuto Rodrigues; Milena Moreira de Oliveira; Aparecida de Fátima Camila Reis	UEG-Universidade Estadual de Goiás	Representatividade ; Identidade Preta; Inclusão.	Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região do Centro-Oeste (SEREX) iSSN 2764-1570, nº 4, p.134, 2020 Disponível em: Valorizando a diversidade cultural: oficina de abayomis Anais do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste (SEREX) (ISSN 2764-1570) (ueg.br)
Região Nordeste				
Título	Autoria	Instituição de Ensino superior	Palavras Chave	Fonte/ Ano
1-Relato de Experiência: uma visão sobre a inclusão da cultura afro na educação e a construção da boneca abayomi.	Luciano Rodrigues dos Santos	URCA-Universidade Regional do Cariri; Pedagogia	Cultura Afro; Confeção; Educação; Inclusão.	XXI Semana de iniciação científica da URCA; Disponível em: 41-318-relato-de-experiencia-uma-visao-sobre-a-inclusao-da-cultura-afro-na-educacao-e-a-construcao-da-boneca-abayomi-update.pdf (urca.br) ;ano 2018

<p>2-Reflexões acerca da boneca abayomi enquanto objeto de resistência, identidade e educação.</p>	<p>Eunice Aparecida Borsetto e Ivan Rêgo Aragão</p>	<p>UFS-Univer- sidade Federal de Sergipe,São Cristóvão. Repositório Institucional Programa de pós-graduaç ão em Sociologia-P PGS</p>	<p>Boneca Abayomi; História da África; Identidade Sociocultural; Sociologia.</p>	<p>Parte de Anais do III Seminário Nacional de Sociologia: Distopias dos Extremos: sociologias necessárias; Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/13865;ano 2020</p>
<p>3-Experiência Abayomi: coletivos ancestrais femininos, artesanando empoderamentos.</p>	<p>Sônia Maria da Silva</p>	<p>Faculdade de Comunicaç ão/UFBa-Uni versidade Federal da Bahia</p>	<p>Memórias; Identidades; Ancestralidades e empoderamento</p>	<p>V ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, v. 27; Faculdade de Comunicação/UFBa; Disponível em: Microsoft Word - 19576.doc (ufba.br) ano 2009.</p>
<p>4-Narrativas que cruzam o Atlântico: bonecas Abayomis e as histórias contadas por ativistas negras.</p>	<p>Caroline Lima dos Santos</p>	<p>UNILAB-U niversidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasile ira</p>	<p>Ativistas políticas Negras;Bonecas Abayomis; Educadoras negras; Negras na Arte, História.</p>	<p>Artigo parte de Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História; Disponível em: https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_ae1aaa1831767eb31fa942a1389f6b30/Description#details::~:~:text=url-.http%3A//repositorio.unilab.edu.br%3A8080/jspui/handle/123456789/1750,-dc.language.iso; ano 2019.</p>
<p>5-Cotidiano, diversidade e cultura visual na formação escolar:uma experiência Abayomi.</p>	<p>Breno Felipe Araújo de Oliveira Gomes; Aldo Victório Filho; Luís Otávio Oliveira</p>	<p>UFMA-Univ ersidade Federal do Maranhão</p>	<p>Abayomi; Cotidiano; Docência; Diversidade; Educação.</p>	<p>Revista Húmus, V.8.nº 23, Simpósio internacional. Disponível em: v. 8 n. 23 (2018): DOSSIÊ: A interdisciplinaridade das Artes, urbanidades e sustentabilidade. </p>

	Campos			Revista Húmus (ufma.br) ; ano 2018
6- Processos educativos Sustentáveis: bonecas africanas e abayomis.	Selma Cristina de Jesus Carvalho, Cristiane Andrade Fernandes, Alessandra Oliveira Santos, Cristiane Portugal	UESB/PPGE	Educação Popular; Diversidade; Sustentabilidade	Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, v.7, n.7, Disponível em: PROCESSOS EDUCATIVOS SUSTENTÁVEIS: BONECAS AFRICANAS E ABAYOMIS Carvalho Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional (uesb.br) ano 2019
Região Sudeste				
Título	Autoria	Instituição de Ensino superior	Palavras Chave	Fonte/Ano
1- Turbantes e bonecas Abayomi; estratégias para o fortalecimento da etnicidade afrobrasileira em espaços educativos	Bruna de Paula Pereira; Maria Aice Rezende Gonçalves	PUC-Rio-Educação	Ativismo digital; Educação antirracista; Turbantes; Bonecas; Etnicidade	Disponível em: 52331.PDF (puc-rio.br) ; ano 2021
2-Prática pedagógica sobre a cultura afro-brasileira: oficina de bonecas Abayomi.	Letícia Lima de Souza	Sociologia da Educação/UFGM	Sociologia da Educação; PIBID, Desigualdade Racial; Extensão Universitária	Revista três pontos, v. 14. n.2 (2017) Disponível em: v. 14 n. 2 (2017): Dossiê "Ensino de Sociologia: Docência e Experiências na Educação Básica" Revista Três Pontos (ufmg.br) ano 2017/ publicada em 2019-04-03
3- O que há de África em nós: bonecas Abayomi.	Ieda Maria da Costa; Jair Silva	IFSul de Minas	África; Identidade; Cultura Africana; Boneca Abayomi.	Ano 2020

	Sobrinho; Vera Lúcia C. Oliveira			
4-Possibilidades e desafios na prática educativa para as relações étnico raciais na infância: a boneca abayomi.	Natália Cristina Cabrera de Araújo.	UFSCar	Prática docente; Relações étnico-raciais;Infância.	Cadernos da Pedagogia, v. 9,nº 18; (Resumos de Trabalho de Conclusão de Curso) Disponível em: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA PRÁTICA EDUCATIVA PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA INFÂNCIA: A BONECA ABAYOMI Cadernos da Pedagogia (ufscar.br) ano 2016
5-Abayomi-rito de origem: performance no espaço escolar.	Amanda Caline da Silva Omar.	UNICAMP	Performatividade	Mestrado Profissional em Artes/UFPB, Recorte da pesquisa Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwivguSW_-38AhUcqpUCHZ8SAZMQFnoECA0QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.publonline.iar.unicamp.br%2F ;Ano 2017
Região Sul				
Título	Autoria	Instituição de Ensino superior	Palavras Chave	Fonte/Ano
1-A boneca Abayomi:entre retalhos, memórias e saberes	Edlaine de Campos Gomes; Júlio Bizarria; Célia Collet; Marcos Vinícius. Sales	UFRGS-Uni versidade Federal do Rio Grande do Sul	-	ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 18, n. 44, 2017. DOI: 10.22456/1984-1191. 75745. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75745. ; Ano 2017

Algo também significativo foi poder encontrar entre os 21 artigos do quadro um artigo sobre Abayomi elaborada por uma estudante de dança da Universidade Federal da Paraíba- publicado em uma revista de outra instituição de ensino superior- que versa sobre a performance e os conceitos e categorias de análise que envolvem o corpo, dança e artes.

Bruna de Paula Pereira e Maria Alice Rezende Gonçalves (2021) As autoras pontuam nesse artigo o Rio de Janeiro como um dos pólos irradiadores de etnicidade negra, justificando-o como causa os fluxos migratórios e os contatos entre culturas diaspóricas que podem ser no mundo virtual ou não, alimentam novas formas de comportamento, além de descrever, ações para uma educação anti-racista, de uma blogueira negra ativista como um potencial educativo a partir da difusão da etnicidade afro-brasileira em espaços escolares com as oficinas de turbantes e bonecas, para a valorização da identidade negra, firmando os laços entre escola e comunidade, bem como da Lei nº 10.639 de 2003. Além de levantar a questão de estudo do porque o rio de Janeiro foi considerado um possível pólo irradiador de etnicidade, o artigo aponta para o questionamento sobre como definir as fronteiras entre os afro-brasileiros e os outros, algo complexo e que requer do ponto de vista eliasiano outros olhares.

Para a autora Letícia Lima de Sousa (2017) a escola é um espaço de desconstrução das questões etnico-raciais assumindo uma postura de centralidade nos debates centralidade e como o Ensino de Sociologia pode atender ofertar bases teóricas e metodológicas sobre o tema, nesse artigo observamos que Abayomi é apresentada como prática pedagógica que denotam o conhecimento sociológico dos e das estudantes nos processos de ensino-aprendizagem enquanto atividade lúdica e cultural, aproximando os mesmos e mesmas de suas realidades.

Ieda Maria da Costa Et. al (2020), contextualiza que as lutas sociais que se intensificaram nos anos de de 1970 foram em reivindicação de educação e trabalho e no Brasil ainda necessitam de mais ações para superação do racismo e das discriminação, tendo na escola um dos instrumentos para o combate da reprodução das desigualdades. Aponta para o currículo e a formação de professores como centrais para a construção voltada à Educação para as relações Etnico-Raciais que de acordo com a autora deve guiar-se pelo enfrentamento ao preconceito racial e a discriminação objetivando fazer conhecer os povos africanos como “ historicamente produtor de cultura e tecnologia estimular valores e comportamentos de respeito solidariedade [...]” valores que os alunos não conheciam e na escola era isolada ou colocada em um lugar periférico em relação aos Projetos Políticos Pedagógicos.

Em Natália Cristina Cabreira (2016) temos uma pesquisa -ação em que desenvolveu diversas atividades com o objetivo de refletir sobre as interações educativas na perspectiva

etnico-racial, Os dados foram coletados pela docente da turma em conhecimento e conjuntamente com a autora da pesquisa em uma unidade escolar de Educação Infantil do Município de São Carlos. Utilizaram o diário de campo como base com as ações com as crianças de 04 a 05 anos outra atividade desenvolvida foi a oficinas de confecção de boneca abayomi, conforme Cabreira (2016) o trabalho contribuiu para a confecção de materiais didáticos significativos para uma educação voltada e à Educação para a Relação Etnico Raciais unindo a comunidade escolar e familiar como um todo.

Possivelmente existam outros artigos, mas no período em que o levantamento foi realizado, apenas 21 faziam menção explícita à Abayomi, sendo o artigo extraído da pesquisa de Gomes, Bizzaria, Collet et al, (2017) é um estudo etnográfico, com fotos originais da Lena Martins e de seu envolvimento no campo educacional e projetos sociais, seu deslocamento e história de vida, desde seus projetos com as bonecas de milho, até a sua visibilidade expandida com a abayomi no Movimento de Mulheres Negras.

A monografia de Marleide Ferreira (2017) aponta para o uso da Abayomi como “[...] instrumento para a promoção de saúde, combate ao racismo e resgate da cultura africana[...]” além de cita-lá como um amuleto que as mulheres negras entregavam aos seus filhos nos navios negreiros, segundo a autora ao ser utilizada em oficina de Saúde Coletiva, em que realiza enquanto Promotora de Saúde da População Negra em Porto Alegre-RS, a Abayomi faz com que a função da oficina terapêutica auxilie na sensibilização dos participantes sobre os assuntos de racismo discutidos desde discriminação e racismo, como Políticas Públicas para a População Negra.

A equipe de pesquisa composta por Profª. Ma. Fernanda Laura Costa; Patrícia de Sousa Santos; Romes Sabino da Silva; Ruber Paulo Alves Rodrigues do ISE Instituto Superior de Educação - UNIFAN (2020) descrevem um relato de experiência com as bonecas Abayomi em uma oficina na perspectiva da vertente da Nova História ao apresentarem histórias de indivíduos comuns com vistas a ruptura de conceitos estéticos hegemônicos.

Observando também uma didática que vai além dos textos de História convencionalmente trabalhados em sala de aula, e levantam o questionamento de como conhecer- o que chamaram de- novas sensibilidades históricas podem contribuir na formação de professores de História e levarem ao “sentido de agir efetivamente num viés que leva à Educação de cunho anti-racista e efetivação da Lei de N.º 10.639/2003” (Ma. Fernanda Laura COSTA et al, 2020).

O artigo de (DAVID, Mônica Cristiane David; RIBAS, Cíntia Cargnin Cavalheiro; KNAUT, Michelle Souza Julio, 2015,p 22) trata-se de um trabalho apresentado para uma oficina de formação de professores no Eixo de Práticas para o Ensino Médio com o objetivo

geral “Reconhecer a importância histórica e cultural das bonecas Abayomi, perpassando por aspectos culturais da história e cultura negra e sua influência na cultura brasileira, bem como valorizando a diversidade e o respeito pela mesma.” com base na Lei 11.645 de 10 de março de 2008.

O artigo de Janine Alessandra Perini e Larissa Antônia Bellé (2020), faz uma abordagem do tema da arte dentro do currículo escolar, para desenvolver uma consciência crítica da sociedade e buscar contemplar as diversas culturas e seus marcadores, utilizando-se do argumento de que as metodologias multiculturais e interculturais por meio de processos de ensino e aprendizagens para familiarizar os estudantes com as realizações de culturas não dominantes e conheçam outros mundos, para tal objetivo a autora faz uma relação entre os ready-made de Duchamp e as bonecas Abayomi da Comunidade Quilombola Morro do Boi em Santa Catarina, Brasil.

Brenda Rafaela da Silva Magalhães (2019) descreve uma “ experiência de conexão entre arte e Cultura na produção do cuidado, e como um movimento de resistência, realizada em um dos encontros do Grupo aberto de Convivência no território da Unidade Básica de Saúde em Londrina-Paraná ministrado por profissionais em Saúde da Mulher residentes da Universidade Estadual de Londrina, compreendem a confecção da abayomi com o movimento de resistência da População negra.

Silva e Klen (2020) relata a experiência da realização de oficinas Abayomi na Sala verde da Universidade Federal de Santa Catarina em uma escola de Educação Básica e em parceria com um projeto de extensão e seu cronograma de atividades foi planejado dentro de um programa de Educação Tutorial em comunidades populares Urbanas da (UFSC) apontando para Abayomi como ferramenta que possibilita o debate sobre a questão racial com diversas gerações.

Imagem 9: mapa regional das tessituras Abayomi



Fonte: Arquivo pessoal-Canva

Utilizando como base a Teoria Simbólica de Norbert Elias (1994), podemos constatar que uma delas utilizada aqui no Brasil, representa simbolicamente uma boneca que é feita com amarrações e nós é considerada um símbolo de resistência no caso de Abayomi com o exemplo acima é possível pensar que os padrões sonoros são reconhecidos pela maioria de membros de uma sociedade com mais ou menos o mesmo sentido e tipo de conhecimento, símbolo de resistência e de repugnância ou medo devido suas características físicas seu corpo e ausência de um rosto/face definido ou específico e que para outros grupos linguísticos de outras sociedade pode não estar simbolicamente representada.

Para trançarmos Abayomi como símbolo, se faz importante pensarmos como as emoções exercem funções nos seres nas relações entre os indivíduos, em Processo Civilizador 2- Formação do Estado e Civilização ao falar sobre vergonha e repugnância, nos lembra que o par vergonha-medo não é apenas um choque do indivíduo com a opinião social predominante/prevalente é como se articulam essas mudanças psicológicas aparentemente tão

diferentes, no caso pensamos que possivelmente alguns indivíduos quando pertencentes a um determinado grupo não sentem essa repugnância.

Em Norbert Elias (2009, p.37) aponta-se para um exemplo que ocorre em nós, que trata-se da reação de luta ou fuga, que desencadeada pela experiência de perigo que ativa uma reação automática e que gera um novo direcionamento ao organismo, tendo um valor de sobrevivência, em seu componente somático, no componente motor, por exemplo, é possível que as pernas e braços fiquem em estado de ataque ou defesa e o coração pode bater mais rápido.

De onde viria esse medo ou repugnância em relação a Abayomi, que se faz presente em algumas de suas narrativas? Seriam suas características físicas e a ausência de uma face com padrões hegemônicos? Temos em Norbert Elias que para abordar as questões relacionadas às emoções humanas é “olhar com atenção a face humana [...]. Suas características únicas podem servir como lembrete da singularidade dos seres humanos.” para (ELIAS, 2009,41):“No curso dessa evolução a face também se tornou um grande instrumento de comunicação. A face evoluiu para um quadro de sinalizações”.

Norbert Elias (1994) tende a remover as barreiras conceituais que tendem a separar o raciocínio, o conhecimento e a comunicação através de uma língua e que os indivíduos sem linguagem seriam também sem conhecimento e a razão, contudo a linguagem é (ELIAS, 1994, p71) “ o meio pelo qual um ser humano pode comunicar e de fato, agir com os membros do seu grupo, é indispensável ao pleno desenvolvimento de um ser humano com capacidade de usar o conhecimento e o raciocínio como meio de orientação sob forma de símbolos.”

Temos assim o nosso cotidiano envolvido por símbolos que influenciam o comportamento da sociedade, sendo fundamental na composição das identidades dos grupos sociais que comunicam suas características, também como já foi pontuado anteriormente, os símbolos nos orientam enquanto imagem e seu significado é conhecido ou atribuído às vezes apenas por quem dele faz uso por aproximação ou vivência em um determinado grupo e com sua utilização deseja ou pretende comunicar.

A pergunta que nos trouxe até aqui, gira em torno de outras aproximações dos conceitos Eliasianos e outros e outras autores e autoras com a questão levantada, algo instigante em tratando-se dos estudos com Norbert Elias, característica que fomos trançando a partir da leitura de uma das passagens em Elias (2005), quando em A peregrinação de Watteu à ilha do amor, teoria simbólica e Processo civilizador, não sendo foco da presente dissertação.

Em sua apresentação à edição brasileira, Hermann Korte-diretor da Fundação que leva o nome do autor, explana sobre a aproximação das pesquisas de Elias, dialogavam também, entre “ os cânones sociais em antagonismo e transformação-início dos anos 1980- e orientava-se pela possível passagem de uma ordem social para outra e queria descrever essa transição a

partir de indivíduos que refletiam tanto o passado quanto a novidade (ELIAS, 2005,p.10).

Teríamos aqui um aspecto interessante em Elias que antecede o possível aspecto decolonial e que perpassa a dissertação em um crescente: o aspecto configuracional,a associação ao corpo de Abayomi como interdisciplinar-ou antidisciplinar , surge da leitura desse esquema de Elias com um caráter metodológico para o desenvolvimento do objeto de estudo, observando as fortes ligações de Abayomi com diversas áreas do saber, conforme identificamos no levantamento com base em mostra de produções acadêmicas (ver quadro no apêndice).

Norbert Elias não pensa a sociedade em seus contornos nítidos, a sociedade em seus contornos nítidos, o mesmo se contrapõe aos binarismos e as barreias, (COSTA ,p 34-38) aponta “ de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro” em constante processo de formação.

A configuração surge como a chave mestra, ou o fio mãe ao evocarmos uma das possíveis imagens da dinamicidade desse pensamento, como articulador da sociologia com outras disciplinas, de forma ousada, podemos pensar, que assim como Elias desperta imagens mentais durante a leitura de seus textos, poderíamos pensar abayomi também como um ideograma.

O que me faz pensar Norbert Elias e a interdisciplinaridade latente no mesmo e como o indivíduo constrói uma teia simbólica que transforma gradativamente as emoções e o comportamento, que no caso, observamos a educação como uma das responsáveis por esse processo.

Como um dos objetivos é buscar trançar as narrativas Abayomi, com a teoria simbólica de Norbert Elias para a educação de novas gerações, procuramos explicar de forma breve alguns termos e conceitos importantes para o debate.



CAPÍTULO 2.

1.1- BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE NORBERT ELIAS NOS ESTUDOS CULTURAIS: ALGUNS CONCEITOS E PRESENÇAS

O primeiro contato com Norbert Elias⁷ ocorre durante a inserção no grupo de estudos Eliasianos, com a leitura do livro “A sociedade de corte” o prefácio de Chartie, é apresentada a proposta da teoria sociológica em que a história não pretende ser contada do ponto de vista dos reis, mas a partir dos meandros de suas funções e de suas redes. Norbert Elias emerge no campo dos estudos educacionais por ser possível ter por base suas perspectivas metodológica e quando interpretamos como educacionais os processos de formação da sociedade e/ou suas teorias são base para a compreensão de fenômenos educativos.

Entre os pontos destacados, são as relações sociais existentes dentro de uma sociedade em torno da corte, no contexto do livro, não um estudo de caso sobre o Rei Luíz XVI, mas um estudo da corte francesa de Luíz XVI, e analisa as diferenças existentes dentro das sociedades burgueses e cortesãs, argumenta sobre os prestígio, a honra, ou seja, peculiaridades que fazem a sociedade subsistir e se diferencie das demais.

Um outro exemplo é a aquisição de etiquetas, de suas ritualizações, que não precisam ser racionais para existir, precisam apenas de aprovação, então quanto mais próximo do rei, ou de pessoas ditas nobres, ter contatos para a sociedade de corte é ter status, ter boas relações. Outro ponto interessante está na vigilância, no controle dos comportamentos, que são disseminados da nobreza aos cortesãos por aqueles que transitam na corte e assim capilarizam os padrões ditos como exemplo.

O que faz refletir como essa corte pensada por Norbert Elias, atravessa o tempo e são percebidas em nossos dias atuais, o que trago é a busca por figurações que nos identifique e a necessidade de “ser visto/ser vista” e seguido, precisando de aprovação. Pensamos nas figurações como espaços de identidades e relações de poder difundidos sobre a população negra por exemplo, como lugar que foram reservados para a população negra e que reverberam até hoje em determinadas situações, como exemplo, situando os usos e costumes, tradições da população como não estabelecidos.

Algo importante para seguirmos a breve explanação, trata-se de destacar como Norbert Elias propõe a interpretação da sociedade, composta por indivíduos e estes por sua vez, formadores de teias de relações que tecem as sociedades, interdependentes.

Para Norbert Elias, ao pensar a configuração social, aponta que o indivíduo não existe sem o outro indivíduo, mas, ao contrário, conecta-se a partir de um conjunto de relações de

⁷ Sociólogo Alemão, nascido na cidade de Breslau em 22 de junho de 1897, quando essa cidade ainda pertencia a Alemanha, filho único de uma família judaico-alemã, pertencente a classe média.

interdependências – instância responsável pela coexistência dos indivíduos em sociedade – também tem o seu foco sobre os indivíduos.

Ao elencar autores como Norbert Elias observamos que as contribuições desse com outros autores para pensarmos a Educação e as desigualdades presentes na sociedade ocidentalizada, são importantes, mesmo que o foco não seja o diálogo entre os mesmos, mas algumas breves aproximações são válidas para compreendermos um pouco mais o trabalho de Norbert Elias.

Ao trabalharmos com o conceito de configuração, temos na educação em seus diversos níveis, relações de interdependência, relações sociais acontecendo a todo o momento e essas relações possibilitam aquisição de habitus para assim um indivíduo ascender a um determinado campo.

O esquema de representação da sociedade em Norbert Elias é potente, ao nos fazer perceber as relações de poder gradativa nas unidades de sobrevivência, essas seriam expressas pela família por exemplo e ao mesmo tempo em que representa um esquema amplo em nível macro, Norbert Elias, chama atenção para a individuação e as possíveis pressões ao qual submetemos e somos submetidos, ele não nega a existência de conflitos.

Importante passagem da presente dissertação, uma vez que nos aproxima cada vez mais da questão de pesquisa: Quando da leitura de Introdução à Sociologia, foi possível compreender como os indivíduos não são autossuficientes, e que apresentam valências abertas para firmarem nós com outras figurações que os e as identificam e ou estabelecem relações de poder gradativo.

Na passagem acima, um convite ao desprendimento de certas categorias para assim desenvolvermos imagens distanciadas e realistas, ele continua sua reflexão apontando para a problemática de tal tarefa, por não ser fácil e nem unicamente racional, ele busca responder explorar a partir das dicotomias ou oposições estáticas presentes em abordagens consideradas pelo mesmo como populares.

Seriam essas abordagens populares para Elias, conforme elencado na introdução do livro Teoria Simbólica, os nós ou entroncamentos que fazem o mesmo retornar às abordagens populares e ampliá-las, nos fazendo refletir e ter minucioso cuidado quanto à utilização da escrita e das formas díspares dos processos sociais ocorridos numa mesma sociedade em diferentes gerações.

Encontramos uma linha, ao observamos que os processos sociais presentes unidades de sobrevivência diferentes, ao serem em Elias (1994,p.xii) “[...] analisadas e artificialmente separadas pelas diversas instituições das ciências sociais, organizadas profissionalmente, e pelas especialidades da sociologia são, de fato, aspectos do mesmo processo social

interligado”.

O que nos faz pensar que o objeto de estudo a questão norteadora da presente dissertação em suas diferentes narrativas, no que diz respeito às várias fases Abayomí difundidas na sociedade atual, podem, possivelmente serem exploradas amplamente, primeiramente apresentando-as e posteriormente sintetizando-as conforme alguns aspectos da teoria simbólica, por ser Abayomí considerada também um símbolo de resistência.

A chegada de um dos critérios de leitura com base em um autor que a princípio parecia tecer em outros teares, agrega um caráter fluente aos pensamentos e escrita acadêmica, ao transpor o portal para os possíveis legados afirmativos configurados em Abayomí, desta vez, analisada sob a ótica de Norbert Elias que destrava entrelaçando as linhas em nós.

Em outras palavras nos apontando para um campo simbólico de forças nas construções identitárias ao qual mira para um novo modelo humanitário que atualmente tende

a ser tecido apenas de forma parcial ou valorativa, ao desenvolver as leituras e aprofundar o tema, algumas ideias iniciais foram reformuladas para elencá-los esboçamos nós importantes na composição da presente dissertação, que não serão enumerados por estarem interligados.

Temos uma interessante problematização, quanto a inserção de teorias que poderiam possivelmente serem expandidas ou deslocadas as reflexões e questionamentos quando da inserção de outros teóricos e teóricas, como exemplo, Norbert Elias e sua sociologia (configuracional, identidade e relações de poder.)

Ao elencarmos autores como Norbert Elias, pautando suas contribuições para exemplificar que as contribuições desse autor, mesmo que indiretamente a educação e as desigualdades presentes na sociedade ocidentalizada são importantes, sua aproximação e inserção no campo dos estudos culturais são válidas para compreendermos um pouco mais seu trabalho.

Norbert Elias serve de base para a presente dissertação, são inseridos após caras problematizações ou as adesões são lentamente problematizadas, aqui apontamos uma das tramas delineadas ao nos referir quando explanamos a Teoria simbólica, vamos percebendo que as construções identitárias que fazem o indivíduo ascender a um determinado campo que ou a leva ao exercício de um poder gradativo.

Analisamos a potência da representação do mesmo, em relação à sociedade, ao nos fazer perceber a gradativa relação de poder que move as relações das unidades de sobrevivência. E quando podemos pensar provavelmente o campo dos estudos culturais como uma dessas unidades de sobrevivência, por termos grupos representativos da sociedade em

seus estudos. Como forma de firmar os entrenós até aqui pontuados e problematizados.

Sem parecer ser simplista, esse regime de verdade, fora do qual nada tem sentido, refere-se mais possivelmente ao desenvolvimento ou inserção de pensamentos que agregam aspectos que não estão necessariamente nas bases das perspectivas de determinados autores e que são por vezes contraditórios aos objetivos propostos por esses autores.

Essa imagem de entrenós, teias e labirintos até aqui apresentadas por Norbert Elias e já problematizadas, são importantes quando tratamos da problematização dos estudos culturais epistemologicamente, envolvem algumas atitudes que compreendem a linguagem e as lutas discursivas (FISCHER, 2003. p.374-375):

[...] compreender que nossas lutas (e pesquisas) sempre têm a ver com a linguagem, já que estamos continuamente envolvidos com lutas discursivas; segunda atitude atentar para a idéia de que palavras e coisas dizem respeito a fatos e enunciados que, a rigor, são “raros”, isto é, não são óbvios, estão para além das “coisas dadas”; terceira, que fatos e enunciados referem-se basicamente a práticas, discursivas e não-discursivas, as quais constituem matéria-prima de nossas investigações, seja em que campo estas se concentrem, e dizem respeito sempre a relações de poder e a modos de constituição dos sujeitos individuais[...]. (FISCHER,2003.p. 374-375)

Utilizaremos brevemente a pesquisa realizada por Alcântara e Carlos (2013) para exemplificar esse entendimento, os autores explanam bem a ideia de chão, território, como algo empírico e que efetiva sua materialização na linguagem, por meio da escrita, fala e imagem, os artefatos como as coisas escritas, ditas, desenhadas, pintadas ou capturadas fotograficamente, configuram-se como signos e o tipo indicará o corpus da pesquisa, analisando a imagem a partir de sua relação com o conhecimento.

Wortmann, Costa e Silveira (2015) ao trazerem a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação em meados da década de 1990, apontam tendências dessa articulação, como a ressignificação mediante novas teorias; a análise da multiplicidade de pedagogias em operação nos diversificados espaços contemporâneos e das análises que estudam os processos implicados em nas identidades e diferenças.

Temos em autores como Wortmann, Costa e Silveira (2015) questões caras ao campo dos estudos culturais, por articular porções de pensamentos importantes ao ter como objetivo o movimento inicial dos EC em educação, que aparecem também como uma virada narrativa e descentramento com um viés decolonial, pautado de forma a nos alertar para a corrente linear de negações da identidade do outro, tendo não na diferença, mas na identidade o entendimento da diferença do devir, também não é uma oposição entre binários, conforme

podemos observar na própria questão de pesquisa, quando nos questionamos sobre como compreender os processos identitários e as relações de poder imbricadas em gênero, classe e raça.

Ao nos fazermos essa pergunta, podemos também compreender a importância de estudar Norbert Elias as relações de poder e as identidades, tendo em vista que os estudos culturais não ficaram apenas na Inglaterra ou Estados Unidos, mas se ramificaram para outros territórios, incluindo América Latina e África, com suas particularidades forjadas nos contextos dos locais aos quais emergiram como diz Escosteguy (2008).

Em o processo civilizador, volume 2, formação do Estado e Civilização, encontramos um breve trecho em que é apresentado a vivência de Norbert Elias na Universidade de Gana no ano de (1962-1964) conforme cita Dagmar Hunger, Fernanda Rossi e Samuel de Sousa Neto (2011), tal período que eclodem os movimentos de emancipação e independência de países como a Índia, por exemplo e como um processo rizomático, interdependente, sua pauta vai atingindo outros países.

Sobre o período de Norbert Elias em um país africano, teria o mesmo influenciado, por meio de suas aulas e\ou deixado influenciar-se por que\,por quem, quais autores e\ ou autoras ou indivíduos e lideranças, assim como Paulo Freire em Cartas à Guiné Bissau, apresenta sua trajetória enquanto gestor da educação e ou encontrar-se com Amílcar Cabral uma das referências para seus escritos interrelaciona suas ideias.

Com tal passagem pretendemos iniciar breve pistas, na contribuição de Norbert Elias para a possível transposição do pensamento colonial para pensamentos pós-coloniais e posteriormente nas leituras e interface com o pensamento decolonial ao atualizar-se no debate com outros elementos e categorias, ou até mesmo disputas simbólicas entre a teorias sociológicas de Norbert Elias e do Antropólogo Jack Goody.

Tal disputa simbólica resultou na síntese interdisciplinar, uma vez em Gana, Norbert Elias Iniciou um estudo histórico de grupos entre povos africanos como também passou a realizar a supervisão de levantamentos do impacto social do deslocamento e reassentamento, cujo impacto apresentou em um artigo chamado de “ Sociologia e antropologia” apresentado em uma Conferência anual da Associação Sociológica de Gana em 1963, conforme fontes históricas encontradas em George Steinmetz (2013).

**2.1-CONCEITOS IMPORTANTES PARA A SÍNTESE DAS NARRATIVAS:
IDENTIDADES E RELAÇÕES DE PODER IMBRICADAS EM GÊNERO, CLASSE E
RAÇA-O TERCEIRO NÓ.**

Norbert Abayomí Elias⁸

Norbert Elias território Abayomí queria visitar,
para em encontro precioso
com uma Guerreira de Natureza a escutar.

Em gesto de licença pedida,
e com as bênçãos da Abayomí Oyá Rainha concedida,
Norbert Elias andar pelas matas e mergulhar nos rios já podia.

Primo irmão do Tempo que era, e pelo mesmo firmado,
Norbert Elias queria prosear
ao redor do fogo com outros guerreiros e guerreiras,
por também sentir-se preparado.

Para completar a roda faltava Maria Abayomí
uma Guerreira por Natureza,
que do alto da montanha,
sobre os galhos do Baobá,
sua Abayomí estava atenciosamente a trançar.

Dos galhos do Baobá ao pé da montanha desceu
com sua Abayomí o início dos caminhos e entroncamentos marcar,
ao se ver novamente na roda entorno a fogueira
com Norbert Elias e com outros Guerreiros e Guerreiras
outras abayomi teceram.

⁸ Autoria de: Ceixa Teofanes, madrugada de 24 de Junho de 2022-João Pessoa, Paraíba

Trançar Abayomi no alto do Baobá é chamar a sabedoria ancestral presente no feminismo negro para dialogar com Norbert Elias, é abrir caminhos possíveis para um território que possui um legado de afirmações potentes no tocante as tessituras entre gênero, classe e raça presentes nas relações sociais e refletir sobre as famílias e crianças negras.

Como as mulheres negras dialogam com esses marcadores? É possivelmente falar como as relações entre gênero, classe e raça estão imbricadas, é pensar nos nós que firmam esses marcadores e por qual/quais outras elaborações teóricas são pré-existentes ou qual/quais podemos conquistar territórios quando articuladas ao feminismo negro, assim como fez Lena Martins ao fazer nascer Abayomi/Abayomí.

Foi uma mulher negra Feminista que trançou o processo, trouxe à tona desigualdades escamoteadas nos debates sobre identidades e relações de poder de maneira crítica e isso com três retalhos- gênero, classe e raça. Desde 1970 (Se pensamos os marcos para os movimentos políticos) as mulheres buscam compreender como as posições sociais ocupadas- não trata-se de uma somatização de desigualdades -mas, como cada uma de nós- mulheres negras, ordenam as vivências na sociedade.

É necessário reconhecer que as transformações dessas relações de poder, passam também por um viés sociopolítico e cultural com a compreensão de que somos atravessadas e atravessades pelas imbricações de gênero, classe e raça. Diferenciar e reconhecer que essa/essas compreensões não são apenas pela via teórica, mas assim como uma discussão que está localizada de forma cara aos Estudos Culturais, podem dar-se também pelos processos de vivências que são diferentes entre mulheres negras e não negras e crianças e infância negras e não negras.

Realidades existentes e co-existentes, não concorrentes, não de sobreposição, mas de contextos interligados. Conforme Beatriz Nascimento aponta para o território como uma simbologia, temos como aproximações entre duas narrativas Abayomí/Abayomi, os corpos de mulheres circunscrevendo as narrativas ou presentes nelas, ora como protagonista, exercendo seu ativismo político e suas intervenções artísticas, trazendo a abayomi como tecnologia ancestral e ora narrativa que inicia com mulheres negras e sua/suas crianças em navios negreiros, onde as mesmas para acalentar as crianças para não sentirem os percalços e atrocidades cometidos, rasgam os restos do pouco tecido que a recobrir e faziam as abayomi.

Temos nessas narrativas, como aproximação e distanciamento, corpos negros, onde a narrativa mesmo que tida como romantizada, ao ser percebida em suas nuances, nos chama para a transformação de pensamentos e da construção de nossas narrativas posteriores, sabendo que as mulheres negras passaram/passam por diferentes invasões de seus corpos, sendo obrigadas a abandonarem suas crianças, não amamenta-las, o exercício do afeto foi tolhido.

No pós-abolição, os racismos foram acentuados, não temos aqui um anacronismo, mas uma possibilidade da existência de várias facetas do mesmo mesmo que não publicizadas/ainda teorizadas/explanadas, temos o enegrecimento do feminismo, possível de debate quando os três retalhos-genero, classe e raça se cruzam.

Os debates atuais marcam críticas sobre algumas nuances que o termo gênero-não utilizado isoladamente-entendendo as relações sociais como processos que envolvem gradientes de relações de poder vem tomando. Os cruzamentos possíveis falarão de relações sociais. Importante trazer Oyèrónké Oyewùmí, quando a mesma aponta para a conceitualização de gênero e sua fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas, nos fazendo refletir que passamos por uma reconceitualização de gênero quando pensamos o mesmo, imbricado a classe e raça.

Alguns conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil, geram discussões profundas que não se esgotam, ao contrário, são revestidas ou adquirem outras tessituras conforme as narrativas presentes nos processos civilizatórios preenchem as tramas do tecido de camadas mais densas, o tecido coletivo.

Esse tecido coletivo possui uma identidade que gera e mantém as relações de poder, para falar sobre os valores civilizatórios para /das novas gerações de crianças negras, nos faz pensar que os mesmos fazem parte de um legado afirmativo, inscrito por um panteão de importantes teorias e seus usos.

Esse panteão de conceitos importantes foi nesta tese condensada conforme o legado de autores como Nilma Lino Gomes para nos auxiliar no debate, apresentados para buscarmos ultrapassar o portal afirmativo do processo identitário e as relações de poder, uma vez que o debate que nos convida a pontuar que a cultura influencia a vida cotidiana com a mesma intensidade que a cultura influencia as relações de trabalho, política, artes, linguagem, filosofia etc, bem como as relações interdependentes entre gênero, classe e raça.

Teremos também uma ênfase nas origens e continuidade, as tradições como invenções, os mitos de origem e a ideia de povo puro, esses elementos estruturantes são desconstruídos quando o olhar analisa e opera com exemplos para conceituar os processos de construção e desconstrução identitárias.

Chegamos em outro ponto de discussão que também compõem os entrenós para o entendimento da potência das pedagogias culturais, as categorias Etnia e Raça, sendo o primeiro utilizado para nos referirmos às características culturais da língua, religião, costumes, tradições e com o sentido de “lugar”, aqui aspeadas, quando pensamos nos processos diaspóricos e suas interferências nas tessituras das identidades e a Raça como categoria

discursiva, possível de lutas e disputas no tocante á perspectivas.

Quando falamos em Identidade e poder podemos recorrer a Nilma Lino Gomes que nos fala que a identidade, pode ser utilizada no plano dos discursos e surge como um recurso para o processo de um nós coletivo, se referindo a uma identidade (palavra no singular, utilizada pela autora) que não podendo ser verificada efetivamente, mas em um sistema de representações.

Essas representações são de um grupo social distinto que com condições de reivindicar para si, espaços sociais e políticos de sua atuação, seja em situações de conflitos, expressas em suas diversas linguagens, quando em Abayomí, nos deparamos com esses nichos de conflito, Norbert Elias propondo uma visão não dualista, pensamos na possibilidade de minimizar esses conflitos importantes ao desenvolvimento e interconexão das relações de poder gradientes.

As relações de poder geram as identidades por estarem em constante gradiente de poder, sendo a identidade não inata, mas sócio, histórica e política em cada sociedade quando grupos lutam por seus espaços. “ No Brasil, tal movimentação se faz mais visível a partir da metade da década de 80 do século XX, no início do processo de abertura política. Nos Estados Unidos e em outros países da Europa[...]” (Nilma Lino Gomes, p. 41)

Assim a identidade pensada dessa forma mais ampla se generaliza quando a reivindicação é por visibilidade de ou dos grupos que estão em face ao apagamento histórico, algo que não é resolvido de um dia para outro, mas que percebemos como as forças atuantes nas unidades de poder o capilarizam, o tecem nos entremeios das narrativas.

Pensamos então, o que acontece com as narrativas que estão no campo da cientificidade, porque ela é reivindicada, seriam as duas narrativas um único corpo político, social e histórico que ainda não firmaram sua valências abertas em nós, assim como diria (Gomes, p. 42- grifo da autora) “ o *meu* mundo, o *meu* eu, a *minha* cultura, são traduzidos também através do outro, de seu mundo e de sua cultura. É como um processo de espelhamento[...]”.

Tal processo de espelhamento é importante, ao mesmo tempo em que temos grupos socialmente discriminados lançando suas re-leituras das realidades, formam-se imagens a partir do modo como uma sociedade se vê refletida pelos olhares dos outros e essas imagens são dinâmicas, pois permitem alterações na autoimagem e na conduta, sendo aqui destacadas por serem ações que assumimos por vezes em função dos outros.

Aqui podemos perguntar se as narrativas Abayomí passaram ou passam por espelhamentos de ambas ou entre elas, formando imagens dinâmicas de Abayomí e a partir do modo como uma se vê reconhecida na outra, permitindo a ligação entre os fios identitários e as

alterações dos mesmos, tanto com base na auto-imagem como em uma imagem pautada na heteroclassificação- como me ou nos percebem.

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior com os outros, Tanto a identidade pessoal como a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto conforme Nilma Lino Gomes (2005) e Norbert Elias que também dirá, A imagem humana associada ao pensamento, não pode ser de uma imagem humana isolada, o mesmo não segue esta tradição. Ousamos dizer que por isso, talvez observemos um espelhamento nas narrativas.

O diálogo, o espelhamento, os entrelaçamentos, são vitais na formação de um diálogo aberto e possível de novas interdependências, e com a identidade negra não seria diferente, a identidade negra não se sobrepõe ao debate sobre as identidades e reconhecê-las ou reconhecer-se numa identidade, nos faz lembrar de um trânsito pelo portal de legados afirmativos deixados pela ancestralidade e como os mundos presentes nas narrativas podem ser visibilizados como entre-mundos, mesmo que tenhamos uma grupo social de referência as identidades negras se constroem gradativamente, assim como as relações de poder.

Sobre o conceito de identidade negra, Nilma Lino Gomes (2005) aponta para seguinte reflexão:

A construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre identidade enquanto processo amplo, mais complexo, Esse processo possui dimensões sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social. [...] é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.). [...]. Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.[...] (GOMES, Nilma Lino. p.42)

Nesse processo existe complexidade e instabilidades quando essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas ou até mesmo contraditórias ao mesmo tempo em que essas identidades plurais podem ser provisoriamente atraentes, sendo provisórias assumem um caráter também de transitoriedade, somos indivíduos com identidades sociais fragmentadas, instáveis, históricas e plurais.

Como essas identidades sociais são processos, a identidade negra vai se construindo gradativamente nas relações sociais, envolve variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas em grupos sociais como a família ou mais íntimos, gerada pelos contatos pessoais permeados por sanções e afetividades, onde as visões de mundo são possivelmente estabelecidas, criando ramificações e desdobrando-se a partir das relações interpessoais que o

indivíduo efetiva.

Mas, o que seria a identidade negra então, é entendida para (GOMES, 2005 Nilma Lino.p.43): “A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico racial ou de sujeitos que pertencem ao mesmo grupo étnico racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro”.

Mas como construir uma identidade negra afirmativa, positiva em um país com histórico escravagista, excludente em que as relações são de dominação de um indivíduo sobre o outro, para a construção desse legado de identidade negra positiva nos moldes de uma sociedade com elementos e características que ainda fazem negras e negros desde cedo, serem ensinados a não aceitarem-se e essa não aceitação é atravessada por um apagamento, para alguns indivíduos, de si mesmo.

Nilma Lino Gomes(2005), ainda questiona sobre esse processo excludente e de apagamento histórico e de qual postura defendemos diante dessas questões no âmbito escolar, se essa realidade é refletida criticamente e se a incorporamos de maneira séria e responsável sobre a importância da diversidade cultural nos processos formativos de professores.

Sobre esse processo de construção identitário no Brasil, é importante considerar a dimensão subjetiva e simbólica como também a dimensão política, como uma tomada de consciência de um segmento étnico-racial que fora excluído dos espaços de participação política da sociedade por décadas, além de avançarmos na compreensão do que o termo raça e racismo significa na e para a sociedade brasileira.

Para analisarmos criticamente é importante ter coragem para olhar o espelho e encarar o Brasil tal como ele é socialmente, culturalmente e politicamente, ao traçarmos uma perspectiva de análise do que é real e não de uma perspectiva de projeção ou ideal de país em que ainda encontramos resquícios do mito da democracia racial.

Diante do que foi levantado, temos que a identidade negra é um processo contínuo construída por negras e negros em seus vários espaços de circulação, sendo assim, temos um espaço e tempo importante nessa construção, o espaço de trajetória escolar. O que aponta para a responsabilidade social e educativa que a escola possui de compreender as identidades em sua complexidade e para tal compreensão, temos algumas passagens históricas importantes sobre a atuação do movimento negro no Brasil.

Para (GOMES, Nilma Lino. 2017. p.28) temos que:

As ações aqui destacadas são consideradas como constituintes da experiência social. Por isso, não são vistas como um mero rol de atividade, mas sim, como conhecimentos e produtoras de conhecimentos. Parte-se da premissa de que o

Movimento Negro, assim como outros movimentos sociais, ao agir social e politicamente, reconstrói identidades, traz indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social.

Um exemplo dessa ressignificação e politização foi do termo raça, que sempre produziu discussões no campo das Ciências Sociais e de um modo específico na vida cotidiana de brasileiras e brasileiros quando são indagadas e indagados sobre qual a raça e nem sempre as respostas são positivas, ora por não saberem como responder, ora pela complexidade no campo das relações estabelecidas em nosso país, a resposta também dependerá do contexto em que foi levantada.

A forma como reagimos a tal pergunta dependerá justamente da construção da visão de mundo e das leituras que realizamos das realidades das identidades étnico-raciais por parte do indivíduo que é questionado, essa reação será palco apontarmos para a relação que o mesmo termo tem com o racismo e o processo de escravização por qual passou a população negra brasileira e às imagens que foram e são construídas até hoje.

Para Nilma Lino Gomes, por mais que os questionamentos realizados pelas ciências, em meio acadêmico ou cotidiano demonstrem que a utilização do termo raça possa ser considerado como contribuições e avanços nos estudos sobre as relações raciais no Brasil, o termo é possivelmente um dos mais utilizados em conversas entre familiares, na mídia, por conseguir dar a dimensão mais próxima da discriminação e do que é o racismo que afeta as pessoas negras na sociedade brasileira e pelo mundo.

Para falar sobre raça é importante observar quem fala e quando fala, pois está implicado um complexo de relações e não estamos nos referindo ao conceito biológico de raças humanas usados em contextos eurocêntricos de dominação utilizados por alguns sociólogos no século XIX nem com a ideia de superioridade, é imprescindível observar que significado é atribuído e o contexto que o termo emerge.

Quando o movimento negro, enquanto sujeito político o utiliza, o insere no debate ressignificadamente, com uma nova interpretação que se baseia no termo em sua dimensão política e social e usam-no porque o racismo e a discriminação racial não se dão apenas pelos aspectos, características culturais diversas das representações étnicas no país, mas pelos aspectos físicos encontrados em suas variadas formas estéticas corporais.

E por que ainda experienciamos ações discriminatórias e racistas pela cor da pele, outra questão levantada pela autora, se pensarmos em algumas características porque vivemos em um país em que a estrutura ainda é racista e inseri a cor da pele como marcador para situar indivíduos em patamares acima ou abaixo, não observando a sua história, a sua trajetória de vida, importante pensarmos também agregada a essas características de nossa sociedade

brasileira- sobre o período pós-abolição.

Sobre esse período, o Estado brasileiro não se posicionou contra o racismo, nem promoveu políticas públicas para a população negra, ao contrário como dirá (GOMES, 2005, p. 46):

[...]optaram por construir práticas sociais e políticas públicas que desconsiderar a discriminação contra negros e a desigualdade entre brancos e negros como resultantes desse processo de negação da cidadania aos negros brasileiros. Essa posição de “suposta neutralidade” só contribuiu ainda mais para aumentar as desigualdades e o racismo. Lamentavelmente o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma em sua própria negação. (GOMES, 2005, p. 46 destaque da autora)

Temos com isso que o racismo no Brasil tem não uma marca, mais várias facetas e uma delas é a sua contradição ou negação, a sociedade brasileira nega a existência do racismo e das ações discriminatórias, do preconceito racial, mas na dinâmica da sociedade, falar sobre raça e falar sobre o racismo imbricado a gênero e classe, quando os percebemos cotidianamente nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação em seus diversos níveis as populações em várias faixas etárias sendo discriminadas, sejam por falta de acesso ou na luta pela permanência.

Em Gomes (2005) temos que quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no país se dissemina e capilariza nas mentalidades e subjetividades. A autora continua, apresentando suas constatações por meio de pesquisas científicas e dados estatísticos oficiais do Estado Brasileiro que comparam as condições de vida, emprego, saúde e escolaridades, entre outros índices de desenvolvimento humano.

Essas desigualdades estão enraizadas na estrutura racista e quando somadas às exclusão socioeconômicas, revelam as questões que atingem toda a população brasileira, de modo específico a população negra, também por esse motivo que ainda não foi abandonado o termo raça, por ter o mesmo importância para a compreensão das relações de poder na sociedade brasileira, mesmo sendo inserido no debate o termo etnia e o diferenciando-o do termo raça, sendo uma convenção manter um, mesmo utilizando-os concomitantemente.

Compreendemos contudo em Gomes (2005) que o termo raça é inserido nos debates por seu potencial significado político construído nas bases do movimento negro a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões histórica-cultural, o termo tem operacionalidade na cultura e na vida social, um exemplo disso é quando a utilizamos nas políticas afirmativas e quando, lamentavelmente, é utilizada para discriminar e negar direitos e ou oportunidades.

Em (GOMES, 2005, p. 49) temos que:

Nesse contexto, podemos compreender que as raças são, na realidade construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significam de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto dessas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade , nas relações sociais mais amplas.[...] O problema é que, nesse mesmo contexto não deixamos de cair em tentação de hierarquizar as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras. Ou seja, também vamos aprendendo a tratar as diferenças de forma desigual. E isso, sim, é muito complicado! (GOMES, 2005, p. 49)

Essa naturalização da diferença, não pode ser repassada como uma herança, cabe o comprometimento e ações políticas na tentativa de criar oportunidades iguais e efetivar as já existentes nos mais diversos setores, é importante ensinar aos nossos filhos e filhas, alunos e alunas e futuras gerações que as diferenças que as enxerga como desiguais foram construídas na cultura e nas relações de poder, e a consequência disso é a hierarquização das mesmas.

Mas saber falar, como falar ou melhor, aprender e ensinar, ter a compreensão do que se fala sobre esses termos até aqui apresentados nos fazem partir para a ação, para a elaboração de práticas e estratégias de superação do racismo que partem não apenas de pessoas de um mesmo grupo etno-racial, mas de uma ampla gama de protagonistas e agentes sociais, em especial nós educadoras e educadores por nos exigir um olhar cuidadoso quando essas questões são apresentadas.

Um olhar ainda mais atento quando a questão envolve o racismo. Em (GOMES,2005,p. 52)temos que:

[...] é , por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes ódio, em relação a pessoas que possuem pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

O racismo pode se expressar de maneira individual por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos, acarretando em extrema violência, agressões físicas ou verbais, destruição de propriedades e bens e até assassinatos, um exemplo típico é o Apartheid na África do Sul e a segregação racial ocorrida nos Estados Unidos, bem como os conflitos raciais nas décadas de 60, 70 e 80, e no Brasil é comumente camuflado ou velado.

Já a sua forma institucional implica em práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com seu apoio indireto, quando estas práticas racistas são manifestas em livros didáticos ao terem em suas imagens personagens negros de forma deturpadas ou esteriótipadas,

ou quando as histórias não favorecem a construção de uma identidade positiva da história da população negra, quando existe um isolamento em determinadas localidades, escolas e empregos- não confundir com as comunidades e povos tradicionais, ou políticas públicas afirmativas- ou ainda em casos de perseguição sistemática e ou extermínio físico (genocídio, processo higienista e tortura).

Se faz importante explicar que existe uma diferença entre racismo e etnocentrismo, ainda recorrendo a (GOMES, 2005, p. 53):

O etnocentrismo é um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras. Consiste em postular indevidamente como valores universais os valores próprios da sociedade e da cultura a que o indivíduo pertence. Ele parte de um particular e deve, a todo custo, ser encontrado na cultura do outro. (GOMES, 2005, p. 53)

Diferente do racismo, o etnocentrismo ou um indivíduo etnocêntrico apresenta sua cultura e acredita que a mesma é a melhor e mais correta, não alimenta o desejo de aniquilação do outro, mas, sim, de evitá-lo de transformá-lo e até mesmo de convertê-lo, carregando em si a ideia de que o outro é estranho ou um inimigo em potencial e quando esse sentimento etnocêntrico está enraizado de maneira exacerbada e o outro passa a ser visto como inferior biologicamente o etnocentrismo adquire uma linha tênue com o racismo.

Enquanto que ao falarmos sobre essas questões, aproveitamos para trazer o termo, preconceito racial, para (GOMES, 2005,p.54) “[...] é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo”. Quando a mesma apresenta que é feito um julgamento pensamos logo que esse julgamento prévio é inflexível, formado antecipadamente sem levar em consideração uma visão ampla dos fatos, e inclui também a relação entre pessoas e grupos, assim como a concepção que alguns indivíduos possuem de si mesmos e de outros.

O preconceito diz de uma posição fechada em suas próprias opiniões, sectária, impedindo o conhecimento aprofundado de determinadas faces de uma questão, sendo por esse motivo que a não é comum ouvirmos alguém autodeclarar-se preconceituoso em nosso país, mas quando indagados sobre como agiria no caso de algum parente próximo casar-se com uma negra ou um negro a resposta ainda é de negação, ou afirmam que é bom para a misgenação do país.

Ou quando encontram um homem negro de terno em uma loja de shopping, logo dizem que é possivelmente um segurança ou quando o mesmo é visto dirigindo um automóvel, logo falam que é um motorista, não que essas profissões não sejam importantes na sociedade, mas quando pensamos que existe um lugar social ocupado pela população negra no imaginário coletivo que é real quando negros e negras são mantidos em posições subalternas.

Essas piadas sobre negras e negros emitidas em nossa sociedade, revelam o lado real do que é tido no campo simbólico e carrega ainda a ideia de inferioridade racial, essa contradição é expressa em formas de piadas, expressões que confirmam a existência do preconceito racial entre nós.

O preconceito não é inato. Ele é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. Todos nós cumprimos uma longo trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e se prolonga até a inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos.(GOMES, 2005,p.55)

Algumas atitudes preconceituosas e racistas, vão adquirindo força quando as crianças vão vivenciando situações cotidianas próximas e reproduzindo mundo adulto ou quando o mundo as insere em situações de relações negativas, perpetuando o preconceito racial que revela a existência de desigualdades dentro da sociedade, por isso, faz-se importante pensar, discutir e elaborar estratégias, para que racismo e preconceitos não se realimentem mutuamente.

2.2- CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E A PERSPECTIVA DE NORBERT ELIAS COM A CIVILIZAÇÃO DOS PAIS- O QUARTO NÓ.

CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA AO LONGO DO PROCESSO

Neste subtítulo veremos como as concepções de infância servem de exemplo para o poder gradiente que Norbert Elias aponta e em alguns momentos são percebidos até o presente, sendo as crianças para Norbert Elias, também dotadas de poder, uma vez que as mesmas se relacionam de forma intergeracional e intrageracional (as relações entre elas mesmas e as relações entre outras gerações).

Quando explanamos anteriormente sobre os conceitos de gênero, classe e raça imbricados, se faz importante também pontuarmos algumas considerações sobre as crianças negras para a compreensão das realidades nesse grupo social, principalmente por suas representações, atitudes e comportamentos, linguagens e influências nos espaços em que as mesmas convivem.

Com base em (CORRÊA, Antônio Matheus do Rosário; SANTOS, Raquel Amorin dos. 2020, p.87) temos uma importante concepção de crianças negras enquanto as várias infâncias, vejamos:

Compreendemos as crianças negras como sujeitos com múltiplas infâncias e condições socio-culturais, agregando qualidades das crianças as marcações de cor e raça, pelas quais são delineadas experiências e percepções sobre negros e brancos em seus contextos de comunicação e formação. (CORRÊA e SANTOS. 2020.p.87)

Temos aqui que, falar sobre as crianças e infâncias negras na sociedade brasileira e trazê-las à tona em suas infâncias como produtoras de relações raciais e interculturais, quando compreendemos como um processo de interação entre diferentes culturas, como indivíduos também dotados de poder que vão tecendo novas percepções, valores, representações em espaços que sofreram por vezes uma histórica submissão.

Santos e Corrêa dirá que as crianças são construtoras ativas de práticas e saberes a respeito das relações raciais e as mesmas também constroem seus discursos e atitudes que contribuem para o desenvolvimento de suas atitudes e opiniões sobre a construção de suas identidades negras.

Assim as crianças negras ao exercerem seus poderes, partilham seus saberes e culturas por meio das socializações que realizam inter e intrageracionalmente, essas relações geram teias de construções identitárias positiva por vezes e outras pela suas diversidades de destinos podem se alargar para condições de apagamento como os trabalho infantil, situação de ou na rua e não acesso à políticas públicas. As concepções construídas assim, por meio dessa teia geram a produção da imagem que possuem de si mesmas e de outras e outros indivíduos.

A educação, a escola é um desses espaços em que as crianças realizam essas interações e constroem suas identidades negras, bem como o seu acesso e permanência explicitará das condições socioeconômica e cultural da criança negra, bem como da representação que a mesma possui ou adquiriu a partir de práticas pedagógicas.

Em “Norbert Elias e a Educação” de Andrea Leão, foi possível perceber como ao considerarmos as crianças em fase de formação e como tal, para o autor, mais fáceis de terem seus corpos controlados, gestos, expressões, sendo mais propensas a assimilarem as regras e etiquetas do processo civilizador com a leitura de manuais de comportamento para a formação do caráter enquanto adulto, regulando a vida das crianças e as controlando com disciplinas.

Nesse sentido e após ousarmos pensá-la como um ideograma, observamos se a mesma pode ser considerada um livro, tendo em vista que a construção cultural da sociedade brasileira é fundada na oralidade, onde as tradições são transmitidas. Mesmo que para tal questionamento se parta de uma construção narrativa tida como romantizada, o que chama atenção é que Abayomi, adquire nessa versão um caráter simbólico- ou de encantamento?- controle dos corpos e emoções infantis, como traça um possível caminho, destino para as crianças no campo civilizador que encontrariam, chamando a ancestralidade para guiá-los em busca de sua família de origem.

Em a Civilização dos pais de Elias (2012), evidencia-se que nascemos em uma teia de relações pré-existentes a nós e que para Elias, a criança por exemplo, terá sua função e exercerá sua relação de poder a medida em que outras pessoas, membros da unidade de sobrevivência atuam em suas determinadas funções e exercem seus papéis, fazendo oscilar as relações de poder de forma gradiente.

Aqui temos um pensamento Eliasianos da indissociabilidade dos indivíduos, não como unidades isoladas de relações, autossuficientes, mas agrupados, interligados em que o movimento de um afeta e coordena previamente, mas não consciente o movimento do outro independente da direção que o movimento reverbere.

Em a Civilização dos pais, observamos a transformação na relação entre pais e filhos/filhas/filhos, o exercício de descobrimento da infância no período compreendido entre os séculos XIV, XV e XVI e o alcance da reverberação desse conceito, bem como a fragmentação do conhecimento sobre as problemáticas da infância (utilizada, neste caso, de maneira, ainda não plural, se considerarmos as realidades infantis) e o reconhecimento de uma relativa autonomia e da normatização dos Direitos da criança.

Uma passagem do texto chama atenção, tanto pela normatização do conceito do que é ser criança, infância, quanto pela individuação do que virá a ser um grupo que para a sociedade

é permanente, mas não para o indivíduo, explanado por (ELIAS, 2012, p.470):

“[...]já no caso das crianças trata-se de um grupo de caráter diferenciado, de um grupo que se define pela idade; trata-se de filhos de pais, de pequenos seres humanos totalmente dependentes dos maiores e que se encontram a caminho de se tornarem adultos, trata-se de crianças que formam um grupo social maior[...] (ELIAS, 2012, p.470)

Importante questionar se estamos diante de uma relativa autonomia ou de uma oportunidade de poder, exercido mediante as relações e que coordenam, mesmo que inconscientemente outros movimentos, mostrando de um lado o diálogo, a conversa, e de outro relações de autoridade, estaria expresso, conforme Elias (2012) uma coexistência de diferentes posicionamentos mediante as relações pais e filhos.

E nas sociedades antigas, as tradições era de relações de poder entre pais e filhos, relações desiguais, que obedeciam a lógica ordem e obediência, respectivamente atribuída uma aos pais e outras especificamente e unicamente aos filhos (aqui utilizado no vocabulário hetero normativo, pela época em que foi escrito pelo autor), época em que a o conhecimento científico não exercia influência na forma de criação ou educação dos pais em relação aos filhos.

A concepção de infância, tarda em meio aos poderes públicos em seu sentido de legislação e medidas protetivas serem propostas, exercidas, nesse interim, é importante questionar, qual a função exercida pelas crianças sobre os seus pais, os adultos, uma vez que os relatos são de abandono em rodas de expostos (importante considerar a situação e história das mulheres no Brasil e o mito do amor materno).

E esse sentimento de abandono que é relatado, é visto sob a perspectiva de hoje como atrocidade, interessante lembrar que existiam também os relatos de cuidado e de familiaridade, parentesco, nos fazendo refletir sobre a variação ou desenvolvimento de um processo civilizatório em que os pais aprenderam a demonstrar cuidado e carinho para com as crianças.

Tal passagem, nos faz pensar que nesses pontos as crianças exercem influência e estão intimamente ligadas ao desenvolvimento do processo civilizador que formam os pais e sendo elas próprias um vetor aberto para outros processos civilizatórios em desenvolvimento.

Outra passagem no texto -que nos remete as famílias negras pobres, em tratando-se de uma leitura atualizada de Norbert Elias - diz respeito às habitações, as divisões, ou melhor, espaços não ordenados ou divididos, algo que as sociedades industriais começa a apresentar outras formas de desenvolvimento, organização e o pensar as crianças.

Quando citado anteriormente sobre autonomia relativa ou oportunidade de poder, importante pensarmos que a sociedade em geral, não apenas a unidade de sobrevivência família, passa a buscar um equilíbrio nessa relação com as crianças no que diz respeito a

relação de poder, onde o acúmulo de conhecimento ou o processo civilizador até a criança atingir a vida adulta possui níveis profundos, camadas densas.

Em Elias (2012, p. 480-481) observamos que as crianças abalam os empecilhos e barreiras de pudor e vergonha, sem terem inicialmente consciência que estão infringindo tabus, em outras palavras, as crianças levantam questionamentos nos adultos sobre esses sentimentos ditos como tabus, principalmente em uma sociedade em que se tem uma alta exigência na autorregulação das necessidades naturais por exemplo e do controle do que Norbert Elias chama de pulsões.

Nesse caso Norbert Elias, olha para a criança com um olhar diferente do que é proposto na época, as crianças, são pensadas tanto em configurações em que são estabelecidas relações de exercício de liberdade desenfreada, como de regulação das pulsões e a mudança nas relações entre pais e filhos envolve o nível de distanciamento dessas pulsões.

Para Elias (2012, p. 482 e 483), percebemos como os contatos corporais foram virando quase tabus e restringindo-se cada vez mais que a sociedade ou a unidade de sobrevivência adquiria status e poder aquisitivo e as habitações logo expressaram, ou materializaram o processo civilizador em vigência.

Enquanto os estabelecidos adquiriam status e ordenavam suas habitações de maneira a adequarem-se ao processo civilizatório, os outsiders- termo utilizado pelo próprio Norbert Elias em outras obras- aglomeravam-se desordenadamente onde podiam-se observamos do ponto de vista civilizador ocidentalizado.

Tal passagem demonstra o elevado grau de isolamento e as consequências desse para o processo de individualização que as sociedades industriais propagam, ao mesmo tempo em que temos a coletividade que engloba processos complexos e unidades de sobrevivências variadas que perpassam o indivíduo.

Em outras palavras requer um alto grau de controle dessas pulsões para o tornar-se adulto que é um dos objetivos, entretanto como Elias (2012.p.483-485) expõe, em outras palavras, o potencial não é algo dado naturalmente é desenvolvido conforme a criança cresce e em relação com os outros indivíduos a medida que são prescritos pela sociedade.

Norbert Elias também critica autores como Ariés, quando as crianças passam pelo processo de desfuncionalização, ao observar que as crianças passam a viver em um mundo infantil ou juvenil e para tal, necessitam de alguma instituição externa a família, como unidade de sobrevivência, tendo na aprendizagem e leitura essa aquisição de equilíbrio de autorregulação para a vida adulta.

O trecho acima, resenhado, faz refletir se atualmente as escolas como redes de interdependência preparam para a vida adulta e/ou desenvolvem habilidades. No texto, não encontramos respostas e nem pretendemos responder esse e outros questionamentos.

Para exemplificar o autor utiliza a família, como uma dessas figurações ou unidades de sobrevivência autônoma dentro de uma figuração mais ampla da sociedade-Estado, algumas funções que antes eram da família recaem sobre o Estado e as atividades laborais, por exemplo, estão cada vez mais externas á família, que antes repassavam seus ofícios, quando em situação de outsiders.

Contudo, consideramos que as leituras de Norbert Elias e Eliasianas, despertaram mais questionamentos e projetos de estudos, que respostas, sendo importante registrar que no tocante ás origens de Elias e seu deslocamento, bem como em relação a sua metodologia, convém que é importante ampliar o diálogo e os contextos em que podemos utilizar sua metodologia e que vai além da discussão de ser eurocêntrico ou não.

Outro ponto importante a ser considerado com base nas leituras, diz respeito a interdisciplinaridade e interdependência para uma melhor compreensão das narrativas Abayomi, que em sua figuração apresentam valências abertas, e a interdisciplinaridade e interdependência estão desde sua gestação, até as narrativas que são reverberadas até hoje.

Outra observação desenhada nas leituras, refere-se á Norbert Elias e sua possível contribuição e associação ao movimento que reaproxima História e Sociologia, sendo algo necessário e fonte de futuros aprofundamentos, uma vez que para a Educação, as contribuições de Elias/Eliasianas orientadas pelas teias e nós, nos levam até assuntos como o corpo, tempo, emoções, sentimentos, transformações, morte, mitos e interdependências que nem sempre são aprofundados na área.

Como nó que firma as pontas, mas não às impossibilita de outras relações, observo que os questionamentos são mais recorrentes que as respostas, e o avanço dos nós que vão compondo as teias de interdependências orientam que o desafio é a velocidade com que as mudanças são sentidas e o impacto das relações que as valências abertas nos trazem, perguntamo-nos mais uma vez: **como as narrativas abayomi na perspectiva simbólica contribui para a construção da identidade negra?**

Se o racismo tem como base ideológica a concepção de superioridade e inferioridade de grupos de indivíduos sobre os outros e funda e sustenta também todas as dimensões da organização social do país ele é o cerne sobre de como a nação se forma e se atualiza através dos tempos, o racismo irá moldar algumas até mesmo as relações subjetivas, a produção do conhecimento, o acesso aos serviços e bens sociais e o usufruto dos mesmos.

O racismo incide sobre a população negra e nesse cenário, sobre as crianças negras e assim como o racismo está ligado a produção de conhecimento e a sua propagação também no âmbito das universidades, temos uma face do racismo que dificulta essa identidade, o epistemicídio, como forma de apagamento de conhecimentos e saberes ancestrais que não condizem com a perspectiva eurocêntrica.

Assim o epistemicídio como uma faceta para que a identidade negra seja negada, também chega até às crianças negras nos diversos espaços educativos, as crianças também são alcançadas por esse tipo de racismo epistêmico, bem como as concepções de crianças negras e de suas infâncias são baseadas no signo da inferioridade, da falta e do perigo, com várias imagens em negativo, sendo pautada por um ideário de branqueamento.

Dentro do que as próprias narrativas nos contam, as identidades e relações de poder são gradativas e se capilarizam, ora com as narrativas contadas por educadoras de maneira a deixar a história lúdica lembrando também das narrativas que aprofundam e investigam os conhecimentos.

Nestas valências abertas, como objetivo de compreender dentro das narrativas abayomi, aspectos dos processos civilizatórios das novas gerações de crianças negras, podemos pensar que as duas versões recorrentes, quando juntas, são potentes para demonstrar o quanto as novas gerações adquiriram resistência e buscam outros pontos identitários conforme as narrativas e conhecimentos ancestrais reivindicam sua epistemologia histórica.

Outras perspectivas para pensar a educação na América Latina também perpassa pela perspectiva do giro decolonial; aqui pode ser que conseguimos enxergar pistas de um Norbert Elias que contribuem para a identificação das marcas da colonialidade; e identificarmos propostas de ações contínuas para descolonização da linguagem, pensamento e conhecimento. A decolonialidade faz parte de um planejamento de novas formas identitárias de relações de poder gradientes que anunciam e visibilizam desde as experiências vividas por parte de indivíduos, compreendendo o território de cada um,uma.

Ao visitarmos De Oliveira (2017), que versa sobre “*outras perspectivas para a pesquisa em educação na América Latina: o giro decolonial*”, o mesmo, representa o impacto da colonialidade nos corpos e natureza, discutimos diferença e desigualdade, bem como identificamos as aproximações e diferenças com outros autores e autoras. Seguindo a linha Mignolo (2017) e (2020) e De Oliveira (2017), observamos que o pensamento de resistência

aos projetos colonizadores, não são exclusivos da ladino-américa⁹ ou da amefricanidade¹⁰, em todos os locais em que houve relações coloniais, foram deixadas marcas de descontentamento, para além do que aconteceu em Bandung em 1955 e que gestou em sua cerne outras perspectivas para os países de terceiro mundo, comprometidos com a ideia de igualdade e justiça econômica e imersos em bases epistêmicas que corroboram para o contínuo desprender-se das macro-narrativas ocidentais (Marx, Freud, Saussure, etc.).

Torres (2020, p. 27 a 36) explana bem os sentidos do colonialismo moderno, esse último que se ramifica com a dominação e escravização, gerando uma desumanização global. Por sua vez a colonialidade, imbricada à modernidade ocidental e civilização, comparando outros arranjos culturais, éticos, políticos e econômicos como formas primitivas, subalternas, em contextos hierarquizantes mantenedores de um *ethos* colonizante em outras palavras, dicotomizando as sociedades em primitivas e civilizações modernas.

A descolonização torna-se referente aos momento que as insurgências foram protagonizadas pelos sujeitos coloniais contra as formas de imperialismo e por vezes expressam um projeto ainda não acabado, enquanto que a decolonialidade é para TORRES (2020,p 36) “[...] a luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos[...]”.

Ao explanar as dez teses sobre esse tema- sendo as cinco primeiras um empreendimento de nos fazer compreender os efeitos do processo civilizatório; as diferenças tênues entre os termos; os efeitos da modernidade e o que o autor chamará de catástrofe metafísica; as outras cinco apontará o compromisso com a decolonialidade do poder (outras estruturas, culturas) decolonialidade do saber (pensar, questionar, teorizar) e decolonialidade do ser (criatividade, arte e espiritualidade)- o mesmo finaliza chamando atenção para a realização da criatividade, do conhecimento e da ação, quando estamos de mãos dadas com outres.

Foi importante compreender como as teias de interdependência não se dão apenas pelas relações de poder em suas várias nuances, inclusive a positiva, mas pensarmos a capilarização das relações de poder em suas diversas camadas, formas que dependem de bases molares tanto quanto de camadas mais densas da sociedade, para essa reflexão é importante compreendermos o colonialismo como um período histórico, formador de territórios coloniais com o achamento do Novo Mundo e as formas de escravização, mas não

⁹ Sobre o termo: ladino-amefricano ver: PIRES, Thula. Por um constitucionalismo ladino-amefricano. In: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico, 2ª ed. Autêntica, Belo Horizonte, p.285-303, 2020;

¹⁰ Ver: GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In:Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n.92-93,p.69-82, jan-jun.1988.

só isso, seria apresentar apenas uma faceta do termo, uma única face da história.

Consideramos que pensar as narrativas Abayomi de forma interdependentes na educação das novas gerações de crianças negras e a utilização como símbolo identitário e de resistência pode ser percebida como um giro decolonial, sem que para tal, os conflitos e as relações de poder gradativas presentes em unidades de sobrevivência sejam potencializadas as experiências vividas, deixa-nos reflexões chave para a identificação de diferenças e aproximações nos conceitos e suas materializações no cotidiano.

Ao tentar fiar Norber Elias com o giro decolonial, percebemos que ambas teorias visam o não binário entre pretos e brancos, pobres e ricos, norte e sul, etc , bem como a forte tendência polarizadora e de acentuação dos marcadores sociais, nas produções acadêmicas. Contudo com a leitura cuidadosa de outros textos, entramos em contato com propostas de pedagogias culturais.

Criadas como formas possíveis de refundamentação/reconceitualização de padrões vigentes, sem contudo negligenciar outras pedagogias, além de identificarmos a importância da capilarização das relações de poder quando o giro decolonial ocorre também por meio dos espaços dos movimentos sociais, sendo na decolonialidade de perspectiva afrodiaspórica, uma das teias de interdependência em que o giro decolonial apresenta-se possivelmente plural, em sua dinâmica mais espiralada que em torno de si mesma.

Para a alteração de um cenário de imagens identitárias negativas, se faz importante observar e implantação, implementação e efetivação de políticas públicas assim como a Lei 10.639/2003, para promover a valorização e reconhecimento da população negra, principalmente na educação escolar ofertada para as crianças

CAPÍTULO 3

3-EXPERIÊNCIAS ABAYOMI: TECNOLOGIA ANCESTRAL DE RESISTÊNCIA E FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES NEGRAS -QUINTO NÓ

[...] a diversidade muitas vezes aparece sob diferentes nomes, como “tradição”, “cultura”, “religião”, “gênero”, “raça”, etc. Em algumas circunstâncias, a diversidade é compreendida por alguns para que eles sejam tentados a querer preservar seu próprio modo de vida ou que o considera, ser seu próprio modo de vida e porque pensam que seu modo de vida está ameaçado. [...]. Outros enfrentam a diversidade usando estratégias, seja como meio de proteger seus direitos que de outra forma teriam sido alcançados ou como uma justificativa para transferir esses direitos para todos os grupos ou povos[...] (ACHILLE MBEMBE¹¹)

Aqui sintetizamos duas narrativas que utilizam Abayomi como estratégia de resistência e fortalecimento das identidades negras, identificamos em “Cotidiano, Diversidade e Cultura Visual na formação escolar: uma experiência Abayomi” de Gomes, Filho e Campos (2018) publicado pelo site da UFMA, e em “Turbantes e bonecas Abayomi: estratégias para o fortalecimento da etnicidade afro-brasileira em espaços educativos” de Pereira e Gonçalves (2021) da PUC-RIO.

Observamos que os dois artigos tratam de experiências por meio de oficinas, uma realizada durante um subprojeto de Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, destinadas para público de estudantes e professores e professoras, como forma de manter um diálogo no cotidiano escolar, realizada em escolas públicas do Rio de Janeiro mediante um projeto do PIBID¹²- escolas não identificadas por nome- e outra que parte de oficina desenvolvida na escola Ubuntu¹³ no município de Mesquita-RJ no período entre 2015 e 2016.

No primeiro artigo foi observada que os autores fazem uma aproximação entre conteúdos e explanam que é preciso repensar arranjos metodológicos de abordagem dos cotidianos e das cidades, quando trabalham elementos identitários (individuais e coletivos) aos corpos que estão presentes em sala de aula, com métodos leves e suaves que atravessem as subjetividades de estudantes e professores e professoras, para que a formação seja transformadora.

Com isso, abrem um leque para o debate sobre a eleição de que conteúdos e práticas são desenvolvidas nas aulas e que esses conteúdos são ações políticas que afetam quem pretende formar e transformar, com isso, complementam que “[...] também as ações Abayomi como

¹¹Trecho da Entrevista: Porque vemos a Diversidade como um problema?Disponível em:Warum [halten wir Unterschiedlichkeit für ein Problem?](#) - Magazin - Goethe-Institut Côte d'Ivoire. . Acesso em 19 de Fevereiro de 2013

¹² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência do Ministério da Educação que oferece bolsas de iniciação à docência aos estudantes de cursos presenciais que se dediquem ao estágio em escolas públicas e que quando graduados e graduadas, se comprometam com o exercício da docência em redes de ensino público.

¹³ Ubuntu é um princípio africano de coletividade- Eu sou, por que nós somos; Nome fictício para preservar a identidade da escola e de estudantes.

elementos do mesmo sentido curricular da valorização do que é rejeitada no âmbito das culturas juvenis e infantis [...]”.

Essa passagem nos faz pensar em como seria a formação das novas gerações, temos em Gomes, Filho e Campos (2018) que a cada dia mais é perceptível a exigência de esforços de diferentes profissionais que estão presentes no cotidiano escolar por meio de potencialidades de seus corpos, vozes e escutas, principalmente no tocante à área de ensino de artes que para os autores é intensificada por acolher em suas discussões teóricas e atividades práticas, conforme (GOMES, FILHO E CAMPOS, 2018, p.104) “tudo que constitui o universo das experiências estéticas”, o que abrange esse universo.

Este universo [...] abrange experiências com objetos e ações, imagens visuais agregadas ou não às sonoras, [...] cujos aspectos, dos formais aos políticos, quando adequadamente explorados e compreendidos, oferecem saberes e incentivo à fruição estética do mundo sob a segurança da autonomia. (GOMES, FILHO E CAMPOS, 2018, p.104)

Esse é uma perspectiva, em que o ensino das artes é potente não apenas para e com a coletivização e aproveitamento do acervo artístico que é algumas vezes possível de ser marginalizado, quando em relação com o que está no discurso elitizado de dizer o que é alta cultura ou não, mas que possui valor simbólico e está próxima às classes populares.

Significa dizer que o conhecimento “despreconceitualizado”- utilizando um termo dos autores- das representações simbólicas ditas marginalizadas à cultura dominante, são “indispensáveis à formação escolar” interligada com as novas gerações, temos assim com Abayomi esse símbolo de resistência e fortalecimento das identidades, como um símbolo a ser estudado de maneira que o campo de estudos se alargará.

Gomes, Filho e Campos (2018) dirá que o entorno e o que é apreendido com essas artes-símbolos- são indissociáveis dos aspectos políticos do espaço e do tempo de sua criação e apreciação, na medida em que os padrões de gosto e as definições de beleza resultam do jogo de poderes que se prendem ao mercado e afirmam as hegemonias, o que não é o caso de Abayomi.

Tal passagem aproxima-se ao artigo de Pereira e Gonçalves (2021) quando iniciam contextualizando sócio- político e culturalmente que é na Carta Magna de 1988, que a diversidade cultural e étnico racial é afirmada, lembrando os debates da época em que surge a necessidade de se ter um símbolo de representação e afirmação da e para a população negra.

Em uma época em que os espaços de debate versavam sobre período do Centenário da pós-abolição, tendo a educação da população negra e nas políticas de reconhecimento da diversidade étnica do país um de seus principais eixos, tais discussões políticas reverberaram para a implantação e efetivação da Lei nº 10.639 de 2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira uma conquista do movimento negro após anos de lutas e discussões.

Mesmo tendo ainda o que se verificar da real efetivação da Lei 10.639, tais artigos mostram em diferentes frentes a existência de experiências exitosas em espaços educativos distintos, nos fazendo lembrar que a Lei 10. 639, abre um portal de legados afirmativos para que Abayomi esteja presente tanto em espaços de ensino superior quanto na educação básica.

Portanto, se cabe à Educação formal alicerçar e pavimentar o caminho para a cidadania, caberia ao ensino da Arte, no cumprimento de sua parte nesse programa, a relativização do gosto, a crítica dos aspectos valorizadores de certas representações em detrimento de outras e a expansão dos conceitos de beleza e estética como elementos indispensáveis à vida social e em todas as suas práticas.(GOMES, FILHO E CAMPOS, 2018, p.105)

Temos, então, a importância de um Movimento Negro Educador, tendo em vista que as ações dos movimentos negros devem ser em conjunto com as instituições de ensino ou ativistas negras e negros que atuam em diferentes espaços educativos onde Abayomi se faz símbolo de fortalecimento identitário.

Nilma Lino Gomes apontará para o exercício de ações coordenadas entre comunidade, movimentos sociais e profissionais negros (acrescentamos não negros negras) que manejam, são sensíveis em seu cotidiano a questão racial, quando comprometidas com a luta pela valorização das identidades afro-brasileiras.

Cabe-nos portanto pensar que essa afirmação geraria a possibilidade de um encontro para além do repertório artístico, mas o repertório político e social-cultural que está para além do que tange o posto como oficializado no espaço escolarizado, a arte se ocuparia das visualidades como produção e como modos de ver que inclui os corpos negros e negras como produto e produtor, nos apontando para outros âmbitos em que podemos encontrar Abayomi. Onde mais poderíamos encontrá-la e quais corpos a produz?

Como já ventilamos inicialmente, foi realizada uma experiência com a oficina de turbante e Abayomi na escola Ubuntu no Rio de Janeiro, onde foi percebida as especificidades das ações educativas provenientes de espaços virtuais que conforme as autoras se “integram ao ambiente escolar caracterizando a emergência de um “novo ativismo” e de “novos sujeitos” que alimentam a relação de ensino aprendizagem na escola” (PEREIRA, Bruna de Paula e GONÇALVES, Alice,2021, p313).

Além da incorporação das políticas da diversidade pelo sistema de ensino, destaca-se, no início do século XXI, o avanço das novas tecnologias da comunicação e da informação, que introduzem novas ferramentas para a participação política e difusão da agenda e mobilizações dos movimentos sociais. Consideramos como pressuposto que, nesse contexto de inovações tecnológicas, surgem novos tipos sociais no cenário virtual e no ativismo negro brasileiro, como as blogueiras ativistas negras. (PEREIRA, Bruna de Paula e GONÇALVES, Alice,2021, p313).

Novas estratégias como esse trecho que aponta para a utilização de novas ferramentas de participação política e difusão das mobilizações, atentando para a forte presença de negras e

negros como produtores desses novos espaços e aqui a Abayomi surge como uma força ancestral que estimula essas ativistas negras, mas não só, em aproximação com Gomes, Filho e Campos (2018), temos uma panorama de quem tece Abayomi:

[...] resultado das experiências em algumas escolas públicas populares do Rio de Janeiro, cujas paisagens humanas são constituídas pela massiva presença das descendência africana, infelizmente rara e insuficientemente valorizada. A maioria dos estudantes dessas escolas evidencia a rica parcela da população brasileira [...]insuficientemente valorizada. A maioria dos estudantes dessas escolas evidenciam a rica parcela da população brasileira de descendentes dos sequestrados da África; sequestrados não apenas por seus ancestrais o terem sido, mas sobretudo, pelo contínuo sequestro de grande parte destes para longe da memória e energia cultural dos quais descendem. (GOMES, FILHO e CAMPOS, 2018, p.106)

Outras aproximações estão na apropriação e reconhecimento, já que ambos partem de experiências desenvolvidas em espaços educativos localizados no Rio de Janeiro, como dito no início desta dissertação, o mesmo é um dos pólos irradiadores no tocante a reverberar a valorização da cultura da população negra, não que outros estados brasileiros ou regiões não o façam, mas, trata-se de um elemento que interliga os dois artigos analisados à luz da teoria simbólica, mesmo que as perspectivas que o geraram ora aproximam ora distanciam-se.

Reconhecem também as culturas diaspóricas quando da importância das políticas para a diversidade, quanto a intensificação dos fluxos migratórios vão formando um corpo social denso que vai alimentando o surgimento de novos comportamentos e provocando mudanças de vida nos fazeres e com os saberes imbricados a gênero, classe e raça, como na representação de Abayomi em suas várias fases.

Como as memórias ancestrais resistem a esses processos? observamos que a herança ancestral, em sua forma de conhecimento vai além dos corpos, Ela resiste também nas práticas cotidianas e nos modos diários, que vão reparando as lacunas que outrora foram ocultadas, silenciadas ou interdidas devido um processo colonialista presente em teorias e práticas, mas que essas práticas vão se esmaecendo frente a outras práticas diárias.

Práticas essas que visibilizam os patrimônios mais valiosos e modos de manutenção desses corpos coletivos que juntos ampliam as resistências, mesmo quando se deparam com lacunas do que foi furtado de suas histórias, observamos também que em coletividade, se sobrevive aos processos de epistemicídio, aniquilamento dos conhecimentos africanos/afro-brasileiros- projeto coletivo que vai até a cerne das heranças racistas, minando suas camadas mais preconceituosas e abrangendo a superficialidade do entendimento de racismo, quando falam sobre os níveis de pobreza e exclusão e dos números de questões raciais interligadas a classe e gênero como expressam as vidas negras ceifadas, encarceradas ou frentes de ataques à religiões de matriz africana e afro-brasileiras.

Sobre esse projeto coletivo de resistência, temos que o mesmo se atualiza em várias frentes de ações, assim como em Abayomi, a qual com sua poética ancestral trançado em suas

oficinas, sejam para estudantes de escolas públicas como parte de atividades de projetos de extensão, sejam em oficinas ministradas por blogueiras negras ativistas.

Abayomi em sua delicadeza e poesia presentes nas oficinas e produções é “politicamente potente e alcança significativos resultados na recuperação das referências africanas, no combate ao racismo e no reconhecimento positivo de pertencimento e respeito ao panorama étnico brasileiro” conforme encontramos em (GOMES, FILHO e CAMPOS, 2018, p.106).

Resistem também por meio de redes de conexões criadas por esses e essas novos e novas atores em conexão com outras experiências e grupos sejam virtualmente, sejam presencialmente, com experiências em rede que se estendem para outros territórios “circulando por outros estados da federação” (PEREIRA, Bruna de Paula e GONÇALVES, Alice, 2021, p. 314).

Nesse processo de resistência, temos aqui simbolicamente uma balança de poder, onde pensamos as identidades negras e suas culturas não unicamente produzida no continente africano, mas fruto de processos diaspóricos e também em constante negociação com as culturas de outros países, uma vez que pensar como os povos das circularidades é saber ouvir e respeitar outras culturas, inclusive a européia-não eurocêntrica.

Outro exemplo, como já foi apontado no início deste capítulo, é compreender que outra forma de resistência das memórias ancestrais estão presentes nas relações entre a escola e as culturas produzidas pela população negra, quando vemos esse movimento de interdependência na tentativa de efetivação de um currículo escolar não eurocêntrico, ou seja, quando observamos que ações Abayomi, -utilizando o termo explicitado pelos autores- trazem outras dinâmicas e entendimentos para os processos descolonizadores, o que também contribui para pensarmos a efetivação, mesmo que com morosidade da Lei 10.639/03, nas escolas brasileiras, mesmo com os esforços de docentes e discentes e de ativistas, como observamos até agora na análise dos artigos.

“Abayomi, mais que um brinquedo.” narrativa que foi explanada (GOMES, FILHO e CAMPOS, 2018, p.106) temos fragmentos importante de histórias que servem para ilustrar simbolicamente o passado que tem ligações profundas com o presente vejamos:

Quando lançados ao mar, em sua derradeira viagem, pessoas oriundas de diversas nações africanas enfrentam não apenas a perda da liberdade e a violência indescritível do sequestro, como viram suas crenças e costumes serem duramente alvejados. Afinal, como mostra a história dos vencedores (BENJAMIM, 1985 p. 225), a destruição e desqualificação cultural sempre foi um recurso à submissão do vencido. Desqualificar suas religiões, hábitos, estéticas e mitologias parece ter sido sempre uma fórmula eficaz para a radical objetificação do escravizado. Os que sobreviviam à dramática travessia oceânica sofriam a condenação perpétua ao trabalho exaustivo e à violação permanente de suas práticas culturais. O que foi tomado dos contingentes arrancados da África, e a forma como isso se deu, alcançou o paroxismo da crueldade. Os castigos físicos, por mais inaceitáveis e cruéis que sejam, chegam a parecer menos infames que os

atos contra as crenças e rituais dos escravizados. (GOMES, FILHO e CAMPOS, 2018, p.106)

Os autores trazem essa narrativa inicial para contextualizar Abayomi, e vão fazendo suas costuras com críticas ao processo de Maafa-processo de deslocamento ou diáspora que impactou significativamente nas identidades dos povos africanos- aqui utilizado para explicar a generalização que se fazem do continente africano, quando saiam de seus países mãe, com suas origens bem marcadas, e ao longo da viagem recebiam a terminologia geral de africanos e negros.

Ta passagem nos faz pensar na submissão e desamparo material, com a separação de famílias e impedimento de práticas religiosas, que objetivavam exterminar o que ainda existia de liberdade e de ligação com o conhecimento ancestral e desligamento com a energia vital do axé que sustentava a própria existência, uma passagem nesse contexto, que o mar atravessado passa a simbolizar a morte, a calunga grande¹⁴, uma ressignificação a partir do processo diaspórico.

Em linhas eliasianas temos que a inserção de novos conceitos como resultado de um processo mental de abstração individual só dará conta da presença, na linguagem, como um novo conceito, quando o mesmo é trabalhado pelo moinho dos diálogos que envolvem e interrelacionam as atividades mentais de outras pessoas, ou seja, o que parece ser uma abstração e uma generalização “ revela-se, depois de um exame mais atento, como uma transição para um nível mais elevado de síntese.” (ELIAS, Norbert. 1994,p.58)

Um trabalho de síntese que é a recuperação para o conhecimento do caráter simultâneo de conhecimentos de objetos que são “confrontados por cada pessoa individualmente e de conhecimento de objectos da comunicação linguística que se processa entre as pessoas”(ELIAS, Norbert. 1994,p.59). Estando os indivíduos dotados de uma capacidade ilimitada para produzir e receber padrões sonoros que podem servir como símbolos no interior de um grupo.

Mas, será que nesse processo diaspórico, não construíram ou aperfeiçoaram conhecimentos capazes de manter seus saberes originários, ou até mesmo agregam e articulam novas formas de práticas para o fortalecimento identitário, pois, a quem serve apenas dizer que as identidades foram fragmentadas? Talvez não conseguiremos responder aos últimos questionamentos, mas é importante explicar brevemente que os povos africanos e seus descendentes, enquanto povos em diáspora, construíram práticas culturais densas e que na tessitura de Abayomi, vamos trançando entre as tramas e percorrendo as ideias apontadas pelos povos da circularidade e seus pensamentos.

Encontramos ainda em Elias na Teoria simbólica que podemos admitir que a capacidade de comunicação por meio de símbolos sonoros de uma língua possui um elevado valor em termos de sobrevivência, em grupos humanos os conjuntos de símbolos vão cobrindo tudo que é comunicável e são transmitidos entre gerações futuras, com base nesses símbolos podem-se

¹⁴ Termo utilizado na Umbanda, calunga grande é o mar, calunga pequena é o cemitério.

extrair um conjunto de regras ou princípios gerais e aqui situamos as leitoras e leitores, que quando falamos em circularidade, falamos também em valores civilizatórios afro-brasileiros¹⁵.

Vejamos a seguir uma imagem ilustrando como a oralidade-linguagem, a memória-pensamento, e a ancestralidade-o conhecimento, entrelaçado com a teoria simbólica de Elias (1994) aponta para que um exame mais atento, pode reconhecer que as três atividades humanas tem haver com o manuseio de símbolos, sendo difícil mantê-las separadas. Por que isso acontece? Se girarmos a chave, perceberemos que existe uma longa tradição e os usos linguísticos, criaram a impressão que os três substantivos estão em diferentes compartimentos do ser humano.

Isso acontece por estarmos mergulhadas e mergulhados em um pensamento ocidentalizado, sendo um exercício difícil escapar da ideia de que a herança linguística e os seus usos nos legou uma imagem humana dívida, mas quando giramos a chave, consideramos estes substantivos como símbolos de diferentes conjuntos de funções interligadas no interior de cada indivíduo, temos que essas configurações refletem a existência de indivíduos em sociedade e não a pessoa individual, isolada

Os ancestrres não conheceram tudo que conhecemos hoje, mas, recorreram a uma vastidão de capacidades para:

[...] evocarem sentimentos e experiências armazenados nas suas memórias e de representarem simbolicamente coisas ou acontecimentos que, num determinado momento, [...] nossos antepassados podiam formar imagens de fantasia representando objetos sobre os quais não existia qualquer imagem congruente com a realidade.”(ELIAS, Norbert. 1994,p.59

Assim como nos conhecimentos formados a partir de conversas e expressões das tradições em torno das rodas, trazendo aspectos epistemológicos quando Abayomi -no caso- alimenta o imaginário da população negra, quando possui um corpo de referências bibliográficas imbricadas ao processo de descolonização das linguagens, pensamentos e conhecimentos.

Abrimos um parêntese para falar um pouco sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros que se relacionam diretamente com a construção das identidades, uma noção ampla e fundamental nesse trançar, por agirem na formação das identidades e da autocompreensão da sociedade brasileira. Valores que nortearam a organização da vida dos grupos de indivíduos escravizados.

Tanto que tais valores são manantes como elementos que atuaram na criação de novas estratégias culturais de indícios em diáspora e de seus descendentes, na medida que fluem para a reorganização social, cultural, política, religiosa no Brasil, criações e recriações que foram configurando outros processos de interação e que desaguaram em novas formas culturais e novas instituições, grupos.

¹⁵ ;Ver Azoilda Loretto da Trindade em “ A cor da cultura”

Tais valores: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, Energia vital (Axé) e oralidade importantes na construção e fortalecimento das identidades afro-brasileiras, ora se distanciam ou se opõem às concepções e valores ocidentais de individualismo, consumo desenfreado, violências e epistemicídios.

Aqui percebemos que a própria construção da narrativa Abayomi, apresentada por Gomes, Filho e Campos (2018) passa pelo movimento espiralado do cosmograma Bakongo¹⁶, que fala sobre a gestação, o nascimento, o amadurecimento, a morte e a transformação e interliga passado e presente para ressignificar o futuro.

Essa interligação é expressa em Pereira, Gonçalves (2021) quando as mesmas explicam, mesmo que com outras palavras, sobre o genocídio da população negra jovem, ao trazerem à lembrança a importância das campanhas e mobilizações que iniciam de forma virtual e se ampliam, como exemplo, as autoras trouxeram a campanha “Somos todos Khaled Said”.

Uma campanha realizada em 2010 no Facebook, criada por Wael Ghonin, um ativista e diretor do Google, quando um jovem egípcio foi assassinado brutalmente em junho do mesmo ano, acusado de ter supostamente filmado um policial que traficava drogas, sua morte foi considerado um catalisador de protestos e manifestações, após, outras campanhas foram empunhadas.

Como exemplo a “Black lives matter- Vidas negras importam”, campanha de 2012 que possui resistência até hoje, foi protagonizada por mulheres negras quando protestaram sobre a absorção de um homem acusado de assassinar um homem negro.

Vejamos que ao trazer Abayomi e falar sobre as novas estratégias de resistência, as autoras e autores, nos fazem gestar, conceber e transformar a então narrativa romantizada, onde vão buscando em suas tramas, tecendo a reafirmação da humanidade das populações negras diante das formas de desumanização- como o faziam com os povos escravizados nos navios negreiros, mostrando que o racismo estrutural ou multidimensional¹⁷ ocorre também nos dias atuais-esses impactos da discriminação vão atingindo, crianças, homens e mulheres não apenas fisicamente, mais, psicologicamente, socialmente.

Um importante ponto de debate é que nos também tivemos a Marcha das Mulheres Negras contra o racismo, a violência e pelo bem-viver, realizada em 2015 em Brasília, além das pré-marchas em locais como o Rio de Janeiro e Salvador como ponto potente de visibilidade e escancaramento da necessidade de medidas urgentes para o fim das facetas racistas e que deu

¹⁶ Povos Bantu, que vivem em região da costa atlântica da África, O cosmograma é utilizado para ensinar sobre o ciclo espiralado, rodante do tempo ancestral, da vida e morte.

¹⁷ Sobre o racismo multidimensional temos que refere-se a um leque de facetas do racismo, um conjunto de preconceitos e discriminações imbricados a gênero, classe e raça, a qual foi estruturante das relações da sociedade brasileira, sobre esse tema ver Jesse Sousa em “Como o racismo criou o Brasil.”

origem a várias Coletivas de Mulheres Negras Feministas-inclusive no Estado da Paraíba uma dessas coletivas recebe o nome de Abayomi.

Sendo um dos pontos altos a capacidade de auto-organização e ação coletiva de mulheres negras e ativistas feministas, como de mulheres negras que antes não haviam participado de reuniões com caráter mobilizador, mas que estavam unidas e “usando o nosso corpo negros como espaço de expressão política e afirmação identitária” como cita (FIGUEIREDO, Angela, 2020, p.204)

Com a tessitura desses trechos, trazemos novamente os ensinamentos de Nima Lino Gomes, em Movimento Negro Educador, pelo mesmo ser importante na construção e fortalecimento das identidades negras e conhecimentos ancestrais, bem como a autora também questiona sobre os rumos da formação educacional e da elaboração dos currículos em perspectivas hegemônicas aos quais fomos apresentados desde a educação infantil até o ensino superior.

Temos um importante fundamento assentado por Nilma Lino Gomes e perceptível nos dois artigos analisados, o de que o Movimento Negro- acrescentamos o de Mulheres Negras e Feministas Negras- são responsáveis pela articulação dos saberes tecidos por diversos grupos com perspectivas contra hegemônicas ou não hegemônicas, que vão tecendo o que conhecemos hoje no Brasil, sobre diáspora negra ou importantes representantes mulheres e homens negros e negras, além de questões de ordem epistemológicas, sobre humanidades, ciências sociais, são provenientes conforme a autora do processo político, pedagógico e educacional dos Movimentos Negros.

Se disserto em busca de uma perspectiva decolonial, hoje, sobre Abayomi e a encontro em suas fases:gestação,nascimento, amadurecimento e transformação e a compreendo como conhecimento ancestral, provocadora de transformações societárias, uma vez que a mesma potencializa a efetivação do estudo da história e da cultura-afro-brasileira, estamos falando sobre o Movimento Negro que é um educador e que é protagonista na implantação e implementação de políticas afirmativas de inclusão de negros e negras em diversos espaços.

Em Norbert Elias (1994) temos que o sujeito do conhecimento pode mudar do eu para o nós, deslocamento que colide com o pensamento dominante nas palavras do mesmo, como “profundamente enraizado” segundo o qual o conhecimento é centrado no eu. A visão do conhecimento proposta por Norbert Elias como um aspecto inseparável da linguagem é compatível com esse deslocamento do “eu” para o "nós", uma contribuição inovadora e o desenvolvimento do que o mesmo chama de contribuição para o fundo social do conhecimento da humanidade.

[...]- e ninguém pretende negar o papel que pode ser desempenhado pelas contribuições extraordinariamente inovadoras de indivíduos[...] no desenvolvimento do fundo social do conhecimento da humanidade-, é o desenvolvimento deste fundo social de conhecimento que constitui a fonte e o

manancial de qualquer contribuição individual para conhecimento. É a recepção na reserva de conhecimento publicamente reconhecida, que é, muitas vezes um processo moroso, que marca a transição de uma visão privada, que pode ser ou não a *idée fixe* de um indivíduo, para uma contribuição para a corrente do desenvolvimento do conhecimento da humanidade.

O desenvolvimento do conhecimento humano não seria possível sem a capacidade única de transmitir conhecimento, sob a forma de componentes da linguagem, de uma geração para outra, quer seja oral ou escrita por meio de um livro, pode ser comunicado de uma pessoa a outra o que favorece a transmissão massiva de conhecimento de uma geração para outra, em outras palavras todas as linguagens possuem caráter e função de transmitir conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS- SEXTO NÓ

A presente dissertação “ Abayomi em nós: identidade e teoria simbólica eliasiana”,foi escrita para buscar quais as contribuições de Abayomi para a Educação das novas gerações de crianças negras, quando dos processos de construção das identidades negras e resistência, uma que a mesma evidenciou uma rede de interdependência ao compartilhar categorias em suas versões narrativas sejam as orais ou escritas em artigos, livros, que a faz ser utilizada como instrumento de afirmação identitária.

Nos norteamos pela seguinte questão: qual/quais foram as compreensões Abayomi como símbolo de identidade e resistência ? Para responder a tal questionamento, analisamos a força simbólica de Abayomi em suas diferentes narrativas na perspectiva Eliasiana de relações de poder imbricadas em gênero, classe e raça e os processos identitários que foram difundidas oralmente e sistematizadas.

Especificamente objetivamos compreender como as narrativas simbólicas puderam auxiliar na presença identitária, além de compreender quais suas contribuições para a educação ou sintetizar e trançar em duas narrativas o que há de pensamento, linguagem e conhecimento com base na teoria simbólica, observamos que as narrativas difundidas, sejam míticas ou sistematizadas como pesquisas científicas, nos aponta para um entrecruzamento com a memória, oralidade e ancestralidade.

Nos apontando para os valores civilizatórios como uma das formas, estratégias de resistência e afirmação que despertam para a compreensão da Abayomí como símbolo de identidade e de resistência nos processos civilizatórios da população negra brasileira ao trazerem em sua cerne a circularidade, oralidade, memória e ancestralidade..

A referência aos processos civilizatórios e seus valores identitários, nos faz pensar em deslocamento e na importância de um lugar de pertencimento, bem como na preocupação com as novas narrativas, foi percebido que as mesmas partem de fontes como da Abayomi no grande calunga em sua gestação e passam pelo seu nascimento em Lena Martins, até seu amadurecimento imbricado aos conceitos de gênero, raça e classe, e sua transformação como conhecimento ancestral.

Formando um cosmograma em seu processo espiralado que nos fala das estratégias de resistência e conhecimento ancestral, que estão no artesanando empoderamentos nas lutas pelo amparo legal e políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade racial, assim como no surgimento de novas estratégias como as atividades e ações em redes sociais como as oficinas realizadas em escolas públicas no Rio de Janeiro demonstrou.

O local, ou os locais em que essas narrativas estão presentes, passam tanto pela educação escolarizada como a educação em seu sentido ampla, seja em movimentos sociais, grupos e instituições como em atividades individuais que se coletivizar, nos apontando para

futuros estudos em que se faz importante conhecer e analisar as ações Abayomi como práticas educativas, ou ousadamente como pedagogias abayomi.

Quem sabe, futuramente seja possível encontrar Abayomi e sua precursora ou até mesmo as diversas experiências Abayomi em livros didáticos como mais uma das conquistas, assim como após anos de lutas do movimento negro educador- que teve na Lei 10.639 de 2008 a promulgação da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana- mesmo ciente da necessidade de mais avanços.

Sobre tal objeto de pesquisa se faz importante pautar a necessidade de conhecer quais lugares ela está e quais narrativas professoras e professores formadas ou em formação estão disseminando, embora nos artigos analisados- de maneira amostral- foi possível perceber que a preocupação primeira de sua precursora foi captada pelas ativistas negras e pelos e pelas estudantes em suas respectivas oficinas.

Quando trouxeram Abayomi para ensinar de forma lúdica, enalteciram a representatividade da pessoa negra, pautando outros questionamentos como a aceitação dos corpos negros e o corpo negro social ao trazerem as campanhas pela importância das vidas negras e os seus desdobramentos pelo fim das violências e pelo bem viver.

Nos faz refletir e constatar que uma das versões que narram a origem, possui aspecto de oralidade e dizem de um momento histórico como o tráfico negreiro no séc. XV em seus meandros dos navios que fizeram o percurso diaspórico, em que as identidades de africanos e africanas foram generalizadas, também são importantes peças de um quebra cabeça que nos faz refletir sobre a história de como mulheres, homens e crianças negras viviam.

Assim, quando os artigos trazem a Lena Martins, trazem uma representação que é coletivizada em suas narrativas, confirmando que a construção identitária parte do nós. Foi reunindo retalhos, aqui simbolizados pelo debate sobre pensamento, conhecimento e memória, que as rearticulações com o passado para construir o presente se fizeram, como acontece ao longo da história de inúmeras mulheres, negras, afro-brasileiras ativistas e pesquisadoras.

Quando os artigos analisados trazem além de ativistas negras protagonizando oficinas, evidenciam ações de projetos de iniciação a docência, evidencia que Abayomi atravessa outros públicos e outras instâncias da educação, demonstrando um envolvimento considerável com a causa e isso significa que Abayomi está envolta de potenciais protagonistas que a disseminam como estratégia e conhecimento ancestral da educação antirracista e ainda possibilita o envolvimento de futuras e futuros docentes em diversas áreas, além de demonstrar uma abertura política para a efetivação da Lei 10.639/2008.

Mulheres que vão traduzindo em sua vida o processo diaspórico da população negra e com as ações abayomi, vão retalhando, reafirmando, refazendo, recriando trançando suas existências e seus saberes, mesmo quando deslocam-se, resistem e constroem novas possibilidades de vida em grandes cidades.

Indivíduos que lutam por figurações que as identifiquem\ reconheça as nações e línguas diversas em seus processos civilizatórios, assim como também agora lutam pela liberdade do corpo como território ancestral, que ganha outros contornos e entrelaçamentos com as novas figurações que surgem no País em resposta ao desenvolvimento e outros deslocamentos da população negra e a Lena Martins é uma dessas figuras.

Nessa perspectiva compreendemos que Abayomi será mais que um brinquedo quando de suas narrativas reverberam em espaços educativos juntas a imaginação associada à criatividade e liberdade e afetos representam cenas do cotidiano de mulheres e crianças, mas não só, também trazem a mensagem implícita de que podemos reaproveitar materiais, uma mensagem de exercício simbólico da ancestralidade de que a vida é cíclica:onde se encerra se recomeça.

Abayomi traz em suas narrativas reais, imaginárias e possíveis, a reflexão e constatação de processos sobre o fim da escravização, luta por direitos civis, inclusão social na educação,e pela inserção em outras configurações para a representatividade, sendo realizada entre as narrativas Abayomí e Norbert Elias e tendo assim a importância dos mesmos para os Estudos Culturais da Educação no tocante ao estudo da Educação para as Relações Etnico-raciais .

Abayomi vai além de um brinquedo, por ser um conhecimento ancestral manifesto também a partir da calunga maior, também é uma potente ação afirmativa alternativa nas abordagens de ensino por ser uma possível metodologia que abre caminhos para uma pedagogia ativa em prol do conhecimento ancestral africano e afro-brasileiro.

Também por nos fazer pensar que vivemos em uma sociedade onde o racismo se manifesta de várias formas e isso se deu por vários motivos incluindo o histórico evento colonizador, deixando heranças históricas e discriminatórias como exemplo as imagens estereotipadas pelas lentes outras, perpetuando um legado e dando base para que formas de relações de poder também apareçam como resistência.

Observando que em suas narrativas, assim como Norbert Elias expõem sobre as relações de poder, a Abayomi caracteriza-se como uma tecnologia educativa para se trabalhar História Afro-Brasileira e Africana em sala de aula ou em outros espaços educativos.

Abayomi também é gestada e construída nas bases da concepção de mentes, corpos e saberes descolonizados, alicerçada na ideia de África que articula os conhecimentos ancestrais e saberes produzidos nas várias diásporas dentre as quais as diásporas brasileiras. Assim como oyá a carrega em seu peito como exibição de seu conhecimento adquirido com os antepassados, seria tal segredo linha mestra para o trançar das questões de resistências e identidades sócio-culturais relevantes na atualidade..

REFERÊNCIAS

BORSETTO, Eunice Aparecida; ARAGÃO, Ivan Rêgo. Reflexões acerca da boneca Abayomi enquanto objeto de resistência, identidade e educação. **Anais do III Seminário Nacional de Sociologia: Distopias dos extremos: sociologias necessárias**, 2020. Disponível em: [ReflexoesAcercadaBonecaAbayomi.pdf \(ufs.br\)](#).

CORRÊA, Antônio Matheus do Rosário; SANTOS, Raquel Amorim dos. O Estado da arte sobre crianças negras em produções da ANPED (2007-2019). In: **Revista da ABPN**. V. 12, nº 33, JUN-AGO 2020.p.85-109

COSTA, Ma Fernanda Laura et al. AS BONECAS ABAYOMI E AS NOVAS SENSIBILIDADES HISTÓRICAS: POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA.

CHARTIER, Roger. “Prefácio” In. ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DAVID, Mônica Cristiane David; RIBAS, Cíntia Cargin Cavalheiro; KNAUT, Michelle Souza Julio. **Abayomi não é Brinquedo**. Faculdade OPET- Eixo: Práticas para Ensino Médio, Curitiba Paraná, 2015. Disponível em: [1288.pdf \(historiapt.info\)](#). ISSN:24469289

DA SILVA MAGALHÃES, Brenda Rafaella et al. Artesãs De Histórias: A Utilização Da Boneca Abayomi Como Recurso Para Debates Étnico-Raciais. In: **Encontro Sul 2019**. 2019.

DA SILVA, Sonia Maria. Experiência Abayomi: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos. V **ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 27 a 29 de maio de 2009 na Faculdade de Comunicação-UFBA, Salvador, Bahia. v. 27, 2009. Disponível em: [Microsoft Word - 19576.doc \(ufba.br\)](#).

DA SILVA OMAR, Amanda Caline. Abayomi–rito de origem: performance no espaço escolar. **Anais ABRACE**, v. 18, n. 1, 2017. Disponível em: [1251 \(unicamp.br\)](#)

DE ARAÚJO, Natália Cristina Cabrera. Possibilidades E Desafios Na Prática Educativa Para As Relações Étnico-Raciais Na Infância: A Boneca Abayomi. **Cadernos da Pedagogia**, v. 9, n. 18, 2016. Disponível em: [POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA PRÁTICA EDUCATIVA PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA INFÂNCIA: A BONECA ABAYOMI | Cadernos da Pedagogia \(ufscar.br\)](#).

DE SOUZA, Leticia Lima. Prática Pedagógica sobre a cultura afro-brasileira: oficina de bonecas Abayomi. **Revista Três Pontos**, v. 14, n. 2, 2017. Disponível em: periodicos.ufmg.br

ELIAS, Norbert. A Civilização dos Pais. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 27, n. 3, p. 469-493, set./dez. 2012. Impresso.

ELIAS, Norbert. A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. Departamento de História

ELIAS, Norbert. Introdução à Sociologia. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERREIRA, Marleide. Abayomi: "amarrando os nós da cultura afrodescendente". 2018. Disponível em: [001077851.pdf \(ufrgs.br\)](http://001077851.pdf(ufrgs.br))

FIGUEIREDO, Angela. A Marcha das Mulheres Negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do poder. In: **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Org. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón 2 ed, 3 reimp. Belo Horizonte. Autêntica. Coleção Cultura Negra e Identidades. 2020.p 203-222

GOMES, Edlaine de Campos. BIZARRIA, Júlio. COLLET, Célia. SALES, Marcos Vinícius. A Boneca Abayomi: Entre retalhos, saberes e memórias. In: **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, jan/jul, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/75745/43150> . Acesso 1 de Fevereiro de 2022

GOMES, Nilma Lino. "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão" In.: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 – Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005. p. 39-64. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143283por.pdf>.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis. RJ. Vozes. 3ª reimpressão, 2018.

MARTINS, Leda. **Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Trilogia da Ancestralidade, v. I. p.60-61, 1 ed. Rio de Janeiro: Ape`Ku, 2021

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 8 (2), fascículo ano 2008, publicação em Abril de 2013, disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>; acesso em 20 de janeiro de 2023

PEREIRA, BRUNA DE PAULA; GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **TURBANTES E BONECAS ABAYOMI. O Social em Questão**, v. 2, n. 50, 2021. Disponível em: [52331.PDF \(puc-rio.br\)](#). Acesso em 1 de Fevereiro de 2022.

PERINI-UDESC, Janine Alessandra; BELLÉ-UDESC, Larissa Antonia. **BONECAS ABAYOMI E DUCHAMP: REFLEXÕES MULTICULTURAIS A PARTIR DE UM CURRÍCULO INCLUSIVO**. Disponível em: [BONECAS ABAYOMI E DUCHAMP: REFLEXÕES MULTICULTURAIS A PARTIR DE UM CURRÍCULO INCLUSIVO \(anpap.org.br\)](#).

SANTOS, Caroline Lima dos. **Narrativas que cruzam o Atlântico: bonecas Abayomis e as histórias contadas por ativistas negras**. 2019. Disponível em: [Repositório Institucional: Narrativas que cruzam o Atlântico: bonecas Abayomis e as histórias contadas por ativistas negras \(unilab.edu.br\)](#)

SANTOS, Luciano Rodrigues dos; GONÇALVES, Cicera da Silva; ALMEIDA, Jonas Gonçalves e QUEIROZ, Zuleide Fernandes de (2018). **Semana de Iniciação Científica da Urcu-Universidade Regional do Cariri**, realizada no período de 05 a 09 de Novembro de 2018 . Disponível: [41-318-relato-de-experiencia-uma-visao-sobre-a-inclusao-da-cultura-afro-na-educacao-e-a-construcao-da-boneca-abayomi-update.pdf \(urca.br\)](#).

SILVA, Costa Jair; OLIVEIRA, Vera Lúcia C. **O Que Há De África Em Nós: bonecas Abayomi**. IV Congresso Nacional de Educação. Instituto Federal do Sul de Minas Gerais. Eixo: Diversidade e Educação. Ano 2020. Disponível em: [69_ O QUE HÁ DE ÁFRICA EM NÓS bonecas Abayomi \(educacaopocos.com.br\)](#).

SILVA, Jadh Beatriz; KLEN, Edmilson Rampazzo. **Relato de experiência: oficinas Abayomi**

como elementos de valorização da cultura Afro-brasileira. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 17, n. 36, p. 167-174, 2020.